

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Marcus Aurelio Melo Silva

**REVOLUÇÃO AFETIVA:
O SURGIMENTO DE UM NOVO AMBIENTE SOCIAL
NA CULTURA OCIDENTAL**

São Paulo

2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Marcus Aurelio Melo Silva

**REVOLUÇÃO AFETIVA:
O SURGIMENTO DE UM NOVO AMBIENTE SOCIAL
NA CULTURA OCIDENTAL**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Costa Fontes.

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586r	<p>Silva, Marcus Aurelio Melo.</p> <p>Revolução afetiva: o surgimento de um novo ambiente social na cultural ocidental : [recurso eletrônico] / Marcus Aurelio melo Silva. 527 KB ;</p> <p>Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.</p> <p>Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Filipe Costa Fontes. Referências Bibliográficas: f. 50-54.</p> <p>1. Revolução Afetiva. 2. Bem-estar Emocional. 3. Campo Dos Afetos. 4. Aspectos Da Realidade. 5. Ambiente Sociocultural. I. Fontes, Filipe Costa, <i>orientador(a)</i>. II. Título.</p>
-------	--

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Marcus Aurelio Melo Silva

**REVOLUÇÃO AFETIVA:
O SURGIMENTO DE UM NOVO AMBIENTE SOCIAL
NA CULTURA OCIDENTAL**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Costa Fontes.

Aprovação: 05 / 12 / 2022.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Costa Fontes.

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Marcus Aurelio Melo Silva**

Programa: *Magister Divinitatis - MDiv*

Título do Trabalho: *Revolução Afetiva: o surgimento de um novo ambiente social na cultura ocidental*

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

AGRADECIMENTOS

Sou grato ao meu professor de Língua Portuguesa, no seminário, Rev. Sebastião Guimarães (*in memoriam*) pelo incentivo em todos os anos do curso. Sua humildade, seu humor e sua alegria foram contagiantes e marcantes na minha vida.

Sou profundamente agradecido à Igreja Presbiteriana do Brasil, ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e aos seus professores, sem aos quais eu muito certamente não poderia ter participado de um programa tão enriquecedor.

Agradeço ao meu amigo e companheiro de reflexões, inclusive acadêmicas, Rev. Enoch de Oliveira Jr., pelo estímulo e desafios lançados. Os nossos longos debates, fomentados por sua mente crítica, arguta e irrequieta, serviram-me de provocação e incitação permanentes.

Tenho imensa gratidão ao Conselho da Igreja Presbiteriana de Muniz Freire que me proporcionou tempo e apoio (muitas vezes, financeiro) para que eu pudesse me dedicar aos estudos e pelas liberações para me ausentar dos trabalhos da igreja para participação nas atividades do programa de mestrado.

Agradeço de coração ao Rev. Dr. Gladston Pereira da Cunha que emprestou sua mente brilhante e dedicou seu precioso tempo para ler e avaliar os escritos iniciais, oferecendo contribuições que não têm preço. Acredito que, dificilmente, essa pesquisa teria sido como foi sem a sua dedicada, sábia, perspicaz e paciente participação.

Preciso admitir que cheguei até aqui e me tornei quem eu sou por causa do meu pai, Roberto (*in memoriam*), e por causa da minha mãe, Zenaide, a quem devoto reconhecimento e profunda gratidão. Muito obrigado, papai e mamãe.

Sou eternamente devedor aos meus filhos, André Lucas, Caio Gabriel e Ana Sofia, bem como à minha esposa Sandra, pelo total apoio e por toda a compreensão pelas minhas ausências, muitas delas mesmo dentro de casa, para dedicação aos estudos e à confecção deste trabalho. Palavras jamais poderão descrever o meu sentimento por ter vocês em minha vida. Muitíssimo obrigado por tudo. Amo vocês de todo o coração!

Por fim, mas não menos importante, preciso manifestar minha completa gratidão e reconhecimento ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, “*em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento*” (Cl 2.3 – NAA). Sem Ele e sem a sua permanente e bondosa mão sobre a minha vida, auxiliando-me e sustentando-me em todas as ocasiões, nada disso teria sido possível. A Ele toda honra e toda glória!

“Não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para ficar felizes, não pensar mais nisso”.

Blaise Pascal.

RESUMO

Este trabalho tem como proposta apresentar mudanças ocorridas ao longo dos últimos séculos e que promoveram a emergência de uma nova configuração da ordem sociocultural das sociedades ocidentais. Ele procura mostrar como tais transformações trouxeram à luz um novo indivíduo que passou a se guiar pela busca da autorrealização e da autossatisfação. Isso se deu através de um processo que recebeu a denominação de Revolução Afetiva, e que levou o bem-estar emocional a se tornar o bem máximo pelo qual o homem (pós) moderno organiza todo o seu mapa moral e autentica a sua identidade. O autor pretendeu indicar manifestações dessa revolução na Educação e no Direito, e argumentou que inclusive a religião cristã não ficou imune a essa influência. Após mostrar as razões para tal evento e os prejuízos para as sociedades por ele afetadas, segue-se a uma conclusão, buscando demonstrar que a revolução dos afetos é um desvio na direção estrutural da criação e que, por isso mesmo, carece de restauração, o que deve ser realizado pela atuação dos fiéis servos do Senhor no mundo de Deus, objetivando redimir as afeições humanas, redirecionando-as para o Criador.

PALAVRAS-CHAVE

Aspectos da realidade. Ambiente sociocultural. Bem-estar emocional. Campo dos afetos. Revolução Afetiva.

ABSTRACT

This work intends to present changes that have occurred over the last few centuries and that have promoted the emergence of a new configuration of the social and cultural order of Western societies. It seeks to show how such transformations brought forth a new individual who began to be guided by the search for self-realization and self-satisfaction. This happened through a process known as the Affective Revolution, which led emotional well-being to become the ultimate greater good through which the (post) modern man organizes his entire moral compass and authenticates his identity. The author intended to indicate manifestations of this revolution in Education and Law, and argued that even the Christian religion was not immune to this influence. After showing the reasons for such an event and the damage to the societies affected by it, the conclusion seeks to demonstrate that the revolution of affections is a deviation in the structural direction of creation and that, for this very reason, it needs restoration, which must be carried out by the actions of the faithful servants of the Lord in the world of God, aiming to redeem human affections, redirecting them to the Creator.

KEYWORDS

Aspects of reality. Social and cultural environment. Emotional well-being. Field of affections. Affective Revolution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 REVOLUÇÃO AFETIVA: UM NOVO AMBIENTE SOCIAL NA CULTURA OCIDENTAL	13
1.1 O Alvorecer de uma Nova Era	14
1.2 O Nascer de um Novo Homem	17
1.3 O Emergir de um Novo Ambiente Social	21
2 REVOLUÇÃO AFETIVA E SUA MANIFESTAÇÃO	27
2.1 Revolução Afetiva e o Direito	29
2.2 Revolução Afetiva e a Educação	31
3 REVOLUÇÃO AFETIVA E O CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO	37
3.1 Teologia	40
3.2 Vida Eclesiástica	42
3.3 Ministério Pastoral	43
3.4 Casamento e Família	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
BIBLIOGRAFIA	50

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, pensadores de vários campos têm estudado certas mudanças socioculturais que têm provocado o surgimento e o desenvolvimento de uma busca cada vez mais intensa de autorrealização e plena satisfação pessoal pelo homem (*pós*) moderno. De acordo com alguns desses estudiosos, o atendimento aos desejos e aos anseios do coração e a busca da autossatisfação têm se tornado a referência última para as escolhas, decisões e comportamento dos indivíduos.

Um novo *ethos* sócio-cultural-religioso tem surgido e vem provocando profundas mudanças em nossa sociedade com respeito aos relacionamentos humanos e ao entendimento de como encontrar e desfrutar de realização e satisfação pessoais, inclusive no contexto da religião cristã. A hipótese sobre a qual a presente pesquisa trabalhou afirma que o narcisismo e o individualismo exacerbados, associados à ideia de que a felicidade interior ou o bem-estar emocional é um direito inalienável de cada pessoa, têm motivado os indivíduos a acreditar que o conforto psíquico é o caminho para a realização pessoal e a única forma de encontrar significado para a existência. Essa nova forma de perceber a realidade tem alcançado uma abrangência quase que total na nossa sociedade, e a religião cristã não escapou à sua influência. Todas essas mudanças têm convergido para uma nova configuração social e para uma nova compreensão da identidade humana, o que tem impactado profundamente os relacionamentos na nossa sociedade atual.

Como objetivo dessa pesquisa, procurou-se entender como se tem processado essa transformação, quais são seus pressupostos e valores fundantes, como tal revolução tem se desenvolvido, que evidências suas podem ser percebidas na nossa cultura e como suas manifestações têm encontrado eco inclusive no seio do cristianismo contemporâneo. A busca das respostas a essas questões se deu através de análises bibliográficas e de comparações e confrontações de pensamentos de diversos autores, mormente das áreas de Sociologia, Filosofia, Psicologia e Teologia, mas não somente estudiosos desses seguimentos.

No primeiro capítulo, procurou-se apresentar um panorama histórico de como diversas cosmovisões determinaram o desenvolvimento das sociedades ocidentais, desde a cultura greco-romana, passando pelo ambiente medieval, pela Renascença até chegar à ascensão do Iluminismo e da Modernidade. A partir daí, tentou-se mostrar como se deu o surgimento de um novo homem que, de forma mais evidente, apareceu

no início do século XX; um homem dirigido primariamente pelos seus afetos e que vive em busca da autossatisfação e do bem-estar emocional. Os eventos que propiciaram a emergência desse novo indivíduo têm sido denominados Revolução Afetiva. Também, objetivou-se delinear os contornos socioculturais que culminaram com o aparecimento dessa revolução, bem como tentar apresentar uma definição para ela e descrever os seus efeitos nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Toda essa ebulição sociocultural tem gerado muitas transformações, e o capítulo dois voltou-se para a investigação das manifestações e das evidências da Revolução Afetiva nas mais variadas arenas sociais. A título de exemplo, destacou-se as influências da Revolução dos Afetos no Direito e na Educação. Quanto à influência no Direito, foram apresentadas alterações e propostas de mudanças no sistema jurídico brasileiro, inclusive com decisões do Supremo Tribunal Federal, o que têm formado jurisprudência em âmbito nacional. Com relação às evidências na Educação, foram indicadas as implicações dessa revolução nas instituições educacionais do Reino Unido, mas que encontram ressonância em vários outros países da sociedade ocidental, e inclusive isso também pode ser observado no Brasil.

No último capítulo, teve-se como foco a tentativa de indicar como a Revolução Afetiva tem alcançado mesmo a religião cristã, a ponto de condicionar o comportamento de uma ala dos seguidores do cristianismo nos mais diversos aspectos da sua existência, tais como: a forma de entender e lidar com Deus (teologia), como exercer o seu papel no contexto da comunidade da fé (vida eclesiástica), a maneira como o ministério pastoral deve ser encarado e como os líderes de igreja deveriam se comportar enquanto guias espirituais, incluindo as facetas da formação dos novos pastores (ministério pastoral) e, ainda, como os cristãos encaram o casamento e a família, decidindo quais são as suas prioridades quando o assunto é relacionamento conjugal e familiar (casamento e família). Neste capítulo, alguns exemplos reais foram inseridos com a intenção de tornar mais papável um assunto que é, essencialmente, teórico.

Por fim, objetivou-se que, ao se chegar às considerações finais, houvesse a compreensão de que a Revolução Afetiva é um forte e influente aspecto da realidade e que os seus tentáculos podem ser percebidos em todo o ambiente sociocultural do Ocidente. As suas influências têm afetado os mais diversos contextos sociais e, em muitos casos, sobrepujando e extrapolando os limites das demais esferas de poder. Contudo, não se pretendeu advogar a tentativa de expurgar a sociedade do campo dos

afetos, mas entender a sua origem, a sua natureza e como o mesmo precisa ser redimido e redirecionado biblicamente, de maneira que o nome de Deus seja reconhecido e glorificado através das emoções, das volições e dos sentimentos humanos, sem os quais a vida mesma não poderia existir. Foi Jonathan Edwards quem afirmou que “o Autor da natureza humana não só dotou os indivíduos de afeições, mas também fez delas em grande parte a fonte das ações humanas”.¹ Portanto, sem o exercício das afeições, o ser humano permaneceria inativo, pois em todos os assuntos da vida elas se configuram como a principal mola propulsora dos movimentos e das ações humanas. E para que Deus possa ser glorificado e o ser humano tenha uma “vida abundante” os afetos precisam estar corretamente direcionados.

¹ EDWARDS, Jonathan. *Afeições Religiosas*. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2018. p.24.

1 REVOLUÇÃO AFETIVA: UM NOVO AMBIENTE SOCIAL NA CULTURA OCIDENTAL

Em todas as épocas, as sociedades são dirigidas ou conduzidas por valores e compreensões da realidade que as definem. Pensando nos últimos séculos das sociedades ocidentais, o advento de várias cosmovisões, muitas delas conflitantes, tem determinado o rumo e o ritmo de vida dos indivíduos membros dessas sociedades, bem como designado sua identidade enquanto entes sociais, seja num contexto macro (comunidade mais ampla) assim como no contexto micro (a família).²

A partir do século XVIII, uma nova forma de organização social começou a se manifestar e sua influência teve alcance global, com maior destaque para o Ocidente. O advento dessas ebulições socioculturais ficou conhecido como Modernidade e compreende mudanças em praticamente todas as áreas da vida, desde a política, passando pela economia e religião e alcançando a vida cotidiana comum do lar. Várias revoluções contribuíram para essas transformações, tais como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial Inglesa, sendo esta última um dos marcos do aparecimento do capitalismo.³

O capitalismo ensejou um novo modelo de ambiência social, marcando profundamente a maneira como os indivíduos se relacionavam com o trabalho, a sua vida nas cidades e no campo, a forma como lidavam com a natureza, com o consumo, chegando a afetar as subjetividades humanas, inclusive como tratavam com o sagrado, com o transcendente. Dessa forma, aquele modo de vida social antigo e tradicional estava sendo suplantado por um novo – moderno e capitalista.⁴

Uma das principais mudanças ocorridas naquele período, segundo Vinoth Ramachandra, foi “o surgimento da ciência natural experimental, que permanece como

² Para uma compreensão mais abrangente sobre como vida em sociedade e cosmovisão se inter-relacionam, conferir WALSH, Brian; MIDDLETON, J. Richard. *A Visão Transformadora: moldando uma cosmovisão cristã*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, capítulos um e dois; e COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *E Agora Como Viveremos?* Rio de Janeiro: CPAD, 2000, capítulo três.

³ Cf. WALSH, Brian; MIDDLETON, J. Richard. *A Visão Transformadora: moldando uma cosmovisão cristã*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, capítulos oito e nove; DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, capítulos 6-8;

⁴ Para uma abordagem da evolução do capitalismo, conferir LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, capítulo um.

o aspecto mais proeminente e influenciador na sociedade moderna”.⁵ Ainda de acordo com Ramachandra, não apenas o nascimento, mas mesmo a prática científica, estava imiscuída da visão de mundo cristã, que definia, até então, a compreensão de Deus, do homem, da natureza e do mundo como um todo, herança da teologia originada da Reforma Protestante. Esse fato aponta para a realidade de que até aquele estágio da história humana a religião (no mundo ocidental, o cristianismo mais fortemente) exercia uma profunda influência não apenas na visão de mundo dos indivíduos, mas tinha o poder de determinar modos de vida e o comportamento social.

Dessa forma, pode-se afirmar que a cosmovisão cristã cooperou na forja da modernidade. Herman Dooyeweerd nos esclarece que

o desenvolvimento da cultura ocidental tem sido controlado por vários motivos religiosos básicos. Os mais importantes desses poderes foram o espírito da civilização antiga (Grécia e Roma), o cristianismo e o moderno humanismo.⁶

Importante dizer que sempre houve uma tensão entre esses “motivos religiosos básicos”, pois seus valores eram distintos e um após o outro assumiu o protagonismo em diferentes fases da história ocidental. As transições e transferências de poder geravam grandes crises sociais que produziam muitas mudanças benéficas, é verdade, mas também promoviam inúmeros malefícios. Essa gangorra sociocultural tem sido uma das marcas mais evidentes das sociedades ocidentais.

1.1 O Alvorecer de uma Nova Era

Grécia e Roma, com sua religião cultural dos deuses do Olimpo, exerceram o poder dominante por um longo tempo. Mas, a partir do início do período bizantino esse poder começou a receber forte influência do cristianismo, o que gerou uma séria crise nos fundamentos da antiga cultura greco-romana. No Medievo, a Igreja Católica Romana assumiu o papel de líder cultural, social e religioso, estabelecendo uma cultura unificada e todas as demais esferas de poder⁷ lhe ficaram submissas. Todavia, a partir

⁵ RAMACHANDRA, Vinoth. *A Falência dos Deuses: a idolatria moderna e a missão cristã*. 1ª Ed. São Paulo: ABU, 2000. p.20.

⁶ DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p.23.

⁷ Para uma compreensão do significado das expressões “esfera de poder”, “campos de poder” ou “aspectos da realidade”, utilizados neste trabalho, consultar capítulo 15 (quinze) da obra ”DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. pp.55-77”.

do século XV, com seu domínio já bastante enfraquecido devido ao declínio espiritual do final da Idade Média, o surgimento do movimento que ficou conhecido como Renascença (ou Renascimento) acelerou o processo de decadência daquela Igreja e, mais uma vez, forte crise cultural se impôs. Nessa época, o advento, a consolidação e o fortalecimento do Humanismo,⁸ associado à Reforma do início do século XVI, levou ao rompimento da cultura clássica ocidental, abrindo as portas do Ocidente para uma orientação religiosa básica diferente. Claro que essas mudanças não se impuseram da noite para o dia e nem sem uma séria, longa e sangrenta resistência. Porém, o dique havia se rompido e toda a represa estava para se derramar.

A grave crise do catolicismo no final da Idade Média fez com que os alicerces do seu domínio sobre toda a sociedade medieval começasse a minguar. Uma após a outra, as várias esferas de poder⁹ da vida foram se libertando do poder da igreja. Aquela cultura eclesiástica que estava bem unificada e que dava sentido e significado para a realidade e para a vida dos indivíduos indicava que estava para se desintegrar. Tudo apontava para o “alvorecer de uma nova era”.¹⁰ O pensamento de homens como René Descartes (1596-1650), Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704), David Hume (1711-1776), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), entre tantos outros começou a dar uma nova forma à percepção da realidade. Somado a isso, o avanço da ciência natural experimental e o controle da natureza por meios técnicos fizeram com que o homem moderno depositasse, cada vez mais, a sua confiança e esperança nas realizações humanas.¹¹

Inspirada com o poder da razão e pelas novas tecnologias emergentes, a sociedade ocidental de então acatou a proposta de Descartes de arrancar pela raiz toda a tradição acumulada por séculos:

... com respeito a todas as posições de opinião que até agora já aceitei, o melhor que eu posso fazer é que comprometer-me a livrar-me delas de uma

⁸ Sobre as influências do Humanismo sobre a nossa sociedade contemporânea, ver HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, capítulo sete; e DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, capítulo seis.

⁹ Para uma ampliação do estudo do tema, ver LATOUR, Bruno. *An Inquiry into Modes of Existence: an anthropology of the moderns*. Cambridge, MA; London, England: Harvard University Press, 2013. Este autor trata do assunto a partir da perspectiva antropológica e o aborda focando sobre o que ele denominou de “Modos de Existência”.

¹⁰ DOOYEWEERD (2015), op. cit., p.170.

¹¹ Para uma abordagem mais profunda do desenvolvimento da história da cultura e da sociedade ocidentais, partindo da Roma antiga, conferir a obra SCHAEFFER, Francis A. *Como Viveremos? Uma cuidadosa análise das principais características de nossa época em busca de soluções para os problemas que enfrentamos*. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

vez por todas, substituindo-as posteriormente por outras melhores, ou mesmo pelas mesmas, uma vez que as tenha aferido com o prumo da razão – René Descartes (1596-1650), *Discurso do Método* (sic.).¹²

Era a gênese da saga do recém-nascido homem moderno em busca de emancipação e desvinculação da razão humana da autoridade de toda e qualquer tradição e de todo e qualquer costume. Essa busca pode ser descrita como a tentativa de o homem pensar por si mesmo e a coragem de questionar até a mais sagrada das tradições.¹³ Immanuel Kant assim descreveu esse período:

O Iluminismo é a libertação humana de sua auto-imposta tutela. A tutela é a condição humana de não se poder fazer uso do entendimento sem a direção dada por uma outra pessoa. “Auto-imposta” significa que a causa dessa tutela não está na falta de razão, mas na falta de determinação e de coragem para usá-la sem o auxílio de ninguém. *Sapere aude!* Tenha coragem de fazer uso da sua própria razão! Este é o lema do Iluminismo (destaque do autor).¹⁴

A partir do Renascimento, surgiu a visão de que o homem seria capaz de estabelecer sua própria identidade, de dirigir seu próprio destino e de ser autônomo, tudo isso à parte da tradição e sem preconceito religioso. Essa visão se expandiu no período iluminista e, desde aquela época, o homem ainda está em busca de concretizar tal projeto. De acordo com Lesslie Newbiggin, o movimento do Iluminismo do século XVIII, era não apenas o florescer da autoconsciência da cultura ocidental, mas era também, “num aspecto importante, um movimento de rejeição da tradição e da sua autoridade”.¹⁵ Tudo poderia (deveria?) ser questionado, todas as tradições e costumes, mesmo aqueles reconhecidos, até então, como os mais sagrados. Ainda hoje essa determinação vigora nas sociedades ocidentais.

Seguindo esse pensamento, acreditou o homem que individualmente se tornaria autônomo e o único responsável por si mesmo, sem ter de dar satisfação a mais ninguém.¹⁶ A sua única fidelidade seria à sua própria razão e à sua própria (*auto*) consciência. Seria o senhor dos seus próprios pensamentos e legislador de si mesmo. Claro, havia uma centelha de obtusidade neste tipo de pensamento. Ao que parece, ingenuamente “os pensadores do Iluminismo deixaram de ver que, tal como todos nós

¹² Apud RAMACHANDRA, op. cit., p.223.

¹³ Sobre a revolta do homem contra toda autoridade e a sua busca por total autonomia, consultar NEWBIGGIN, Lesslie. *O Evangelho em Sociedade Pluralista*. Viçosa, MG: Ultimato, 2016, capítulo quatro.

¹⁴ Apud RAMACHANDRA, op. cit., p.224.

¹⁵ NEWBIGGIN, Lesslie. *O Evangelho em Sociedade Pluralista*. Viçosa, MG: Ultimato, 2016. p.61.

¹⁶ “O princípio único do inferno é este: ‘Eu sou meu’”, apud LEWIS, C. S. *Surpreendido pela Alegria*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p.236.

também, eles mesmos estavam culturalmente condicionados, alcançados pelo fluxo da existência histórica”.¹⁷ Assumiram a postura de que poderiam, e mesmo se puseram a caminho de tentar, alcançar a capacidade de fazer avaliação de qualquer tradição, costume ou racionalidade a partir de um ponto estratégico neutro e universal, o que se mostrou uma impossibilidade real.¹⁸ O que precisa ficar claro é que, como nunca antes, instalou-se na cultura ocidental, e ainda nela permanece, uma crise de autoridade.

O homem havia partido de si mesmo em sua viagem em busca da autonomia da razão, do controle da natureza, da felicidade terrena, do progresso contínuo e da liberdade plena, tendo como referencial único a sua finitude humana. Contudo, não demorou muito para que esse sonho fosse transmutado num grande pesadelo. Os massacres durante a Revolução Francesa foram o primeiro golpe no ideal iluminista. Outros mais se seguiram. E, deve-se frisar, o ataque não veio de fora do sistema, mas foi originado exatamente dentro dele.¹⁹ Com tudo isso e ainda assim, as raízes do Humanismo, juntamente com as da Modernidade, permaneciam profundas no solo da cultura ocidental e pelas décadas que viriam sua influência seria sentida por todo o Ocidente, quiçá no Oriente. Mesmo hoje, não nos livramos dela.

1.2 O Nascer de um Novo Homem

Foi na Modernidade que o capitalismo, as instituições políticas democráticas, a força moral da ideia do individualismo entre outros conceitos, ascenderam. A Modernidade também nos legou a teoria evolucionista de Charles Darwin (1809-1882), as teorias políticas, econômicas e filosóficas de Karl Marx (1818-1883) e a teoria psicanalítica de Sigmund Freud (1856-1939). E isso está muito bem documentado e tem sido objeto de estudos ao longo de todo o período moderno. No entanto, as narrativas sociológicas não têm muitas descrições e pouca atenção tem sido dada ao fato de que, paralelamente ao surgimento desses conhecidos conceitos, uma outra história estava se desenrolando nas teias das tramas cultural e social ocidentais: o advento de um novo aspecto da realidade – o dos afetos.

¹⁷ RAMACHANDRA, op. cit., p.229.

¹⁸ “Não posso realmente apelar a critérios impessoais, já que não existem critérios impessoais. Posso crer que o faço, e outros podem crer que eu o faça, mas essas crenças serão sempre enganosas”. Em MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude: um estudo sobre teoria moral*. 1ª Ed. Campinas, SP: Vinde Editorial, 2021. p.56.

¹⁹ SCHAEFFER, Francis A. *Como Viveremos? Uma cuidadosa análise das principais características de nossa época em busca de soluções para os problemas que enfrentamos*. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p.67.

Eva Illouz, professora de Sociologia na Universidade Hebraica de Jerusalém e na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais de Paris, entende que houve, por parte da Sociologia, um desprezo pelo estudo deste novo e distinto aspecto social, o que, segundo ela, não se justifica. Para Illouz, essa falta precisa ser compensada. No início do seu livro “O Amor nos Tempos do Capitalismo”, a socióloga marroquina apresenta a sua justificativa, indicando alguns flagrantes exemplos da manifestação do campo afetivo na história recente e que, segundo ela, precisam ser considerados, a saber: a ética protestante de Weber, alguns escritos de Karl Marx, a descrição da Metrópole feita por Simmel e a sociologia de Durkheim.²⁰ Todos estes se interessaram e escreveram sobre a dimensão dos sentimentos e a sua importância na formação do indivíduo e da sua identidade e, conseqüentemente, da sociedade como um todo.

Para Illouz, a dimensão dos afetos precisa ser seriamente considerada com risco de, ao mantê-la subestimada, comprometer a compreensão “do que constitui o eu e a identidade modernos, do divisor público/privado e sua articulação com as divisões de gênero”.²¹ Para a autora, basta se aprofundar um pouco abaixo da superfície que será possível se perceber e encontrar “as descrições canônicas da modernidade [que] contêm, se não uma teoria dos afetos, pelo menos numerosas referências a eles”.²² Illouz apresenta alguns motivos para que o estudo da dimensão dos afetos se torne um foco de atenção da Sociologia. Para a autora, o fato de o afeto não ser uma ação em si, de através dele sermos capazes de colocar “em prática as definições culturais da individualidade... sempre definidas em termos culturais e sociais”, de os afetos conterem excesso de cultura e sociedade, de que “muitos dos arranjos sociais são também arranjos afetivos” e de que o “capitalismo caminhou de mãos dadas com a criação de uma cultura afetiva intensamente especializada” são motivos mais que suficientes para que a abordagem desse tema seja considerada pela ciência da sociedade.²³

Esta socióloga compreende afeto como “o lado da ação que é ‘carregado de energia’, no qual se entende que essa energia implica, simultaneamente, cognição, afeto, avaliação, motivação e o corpo”. Todos esses elementos são eivados de “significados culturais e relações sociais inseparavelmente comprimidos, e é essa compressão que lhes confere sua capacidade de energizar a ação”. Para ela, o afeto tem o papel de

²⁰ ILLOUZ, Eva. *O Amor nos Tempos do Capitalismo*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p.4.

²¹ *Ibid.*, p.5.

²² *Ibid.*, p.5.

²³ *Ibid.*, pp.6,7.

conduzir a “energia” que efetiva a ação, pois ele (o afeto) está sempre relacionado ao cerne da identidade humana e à sua relação com os outros indivíduos culturalmente situados.²⁴ Dessa forma, o surgimento do campo dos afetos como protagonista nas interações, orientações e determinações individuais e sociais no Ocidente pode ser compreendido como o motor de transformações profundas na sua cultura.

Segundo Illouz, a transformação da cultura afetiva, na América do Norte, teve como marco a ida de Sigmund Freud aos Estados Unidos para ministrar algumas conferências na Universidade Clark. Nessas palestras, Freud indicou a família como o ponto de origem de qualquer psiquismo e a provocadora das patologias sociais. O que já vinha sendo gestado no seio da sociedade americana foi impulsionado pelos princípios apresentados pelo pai da psicanálise. Esse foi o catalisador da reconfiguração da vida afetiva, primeiro americana, depois de todo o Ocidente. O homem que daí surgiu apresentava um novo estilo afetivo, o estilo afetivo terapêutico.²⁵

Por todo o século XX, os indivíduos, especialmente da classe média, foram provocados e tiveram sua concentração atraída para o aspecto afetivo da vida humana, seja no trabalho, na escola, na comunidade ou na família. O eu, assim como as suas relações com o outro, era insistentemente colocado em primeiro plano na ordem social. O que surgiu desse caldo sociocultural moderno Eva Illouz chama de “nova cultura da afetividade”.²⁶ O objetivo da autora com o seu livro é traçar os contornos do que ela denominou de “capitalismo afetivo”, que ela define como “uma cultura em que os discursos e as práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros”, levando ao que ela percebe como sendo “um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca”.²⁷ Ou seja, a socióloga apresenta fortes argumentos que indicam o nascimento de um aspecto novo da realidade e aponta para a sua forte influência sobre o indivíduo ocidental.

Não é difícil perceber que, como socióloga, a abordagem do tema pela a autora busca apresentar a tangência de duas esferas de poder, a saber: a econômica e a afetiva, e como essa interação pode determinar a vida social dos indivíduos do nosso tempo. Embora o interesse de Illouz não seja exatamente o mesmo deste trabalho, pode-se

²⁴ ILLOUZ, op. cit., p.6

²⁵ Ibid., p.9.

²⁶ Ibid., p.7.

²⁷ Ibid., p.8.

encontrar em sua obra muitas pistas e indicações de que, de fato, uma nova esfera de poder surgiu e tem se estabelecido na cultura ocidental, tornando-se mesmo o grande organizador do mapa moral do homem contemporâneo. Esse ambiente cultural gerou um novo jeito de ser humano, uma perspectiva social e individual da realidade distinta, em muitos aspectos, de todas as outras do passado. Para a socióloga, o início do século XX trouxe à tona uma nova forma de manifestação da identidade humana: nasceu o “*Homo Sentimentalis*”,²⁸ ou seja, o indivíduo guiado pelos seus sentimentos na busca contínua pela autorrealização, auto-expressão e bem-estar emocional.

O crítico cultural e sociólogo americano Philip Rieff, que foi professor de Sociologia na *University of Pennsylvania* entre os anos de 1961 e 1992, escreveu uma obra não muito divulgada – “O Triunfo da Terapêutica”, na qual fez críticas ao trabalho de Sigmund Freud. Nela, Rieff descreve como o individualismo e a busca pela auto-expressão e autodeterminação da identidade individual levaram o homem moderno a se transformar no que ele denominou de “Homem Psicológico”. Ele escreve: “Todos os sistemas de símbolo são terapêuticos se são suficientemente coatores, e os são especialmente se servem para introduzir um ideal de caráter”.²⁹ Rieff entendia que todos os sistemas de organização social são, em algum sentido, terapêuticos, isto é, emocionalmente orientados. Alasdair MacIntyre, citando Philip Rieff, afirma que de diversas maneiras “a verdade foi negada enquanto valor e substituída pela eficácia psicológica”.³⁰ Dado que existe uma clara relação entre o sentimento de bem-estar do indivíduo e sua participação na comunidade em que está inserido, e que “todas as culturas têm uma função terapêutica, na medida em que são sistemas de integração”,³¹ Rieff admitiu que as novas terapias estavam intimamente ligadas à cultura moderna, uma influenciando e alimentando a outra. Dessas interações surgiu esse novo indivíduo moderno.

Baseado no ideal renascentista de personalidade livre, o indivíduo alcançou prioridade sobre o comunitário; e é ele quem deve moldar o seu destino. É a própria pessoa que deve gerar sentido para a sua existência ao construir, ela mesma, “expressões significativas adequadas”.³² Dessa concepção de vida, surgiu, então, o

²⁸ ILLOUZ, op. cit., p.3.

²⁹ RIEFF, Philip. *O Triunfo da Terapêutica*. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.79.

³⁰ MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude: um estudo sobre teoria moral*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021. p.56.

³¹ RIEFF, op. cit., p.79.

³² TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna*. 4ª Ed. São Paulo: Loyola, 2013. p.33.

direito da busca pela felicidade afetiva (bem-estar emocional) individual.³³ Não apenas isso, mas a própria identidade pessoal começou a ser definida a partir do bem-estar emocional. Assim, uma pessoa é reconhecida como completa e com uma identidade corretamente construída quando a sua afetividade está “bem resolvida”, pois a identidade do “*Homo Sentimentalis*” é construída em torno da realização afetiva.

A partir dessas constatações, percebe-se que do contexto da Modernidade emergiu uma nova maneira de compreensão do ser humano e da realidade que o cerca. O “feto” que vinha sendo gestado desde a Renascença, desenvolveu-se durante o Iluminismo e veio à luz no início do século XX. Nasceu o “*Homo Sentimentalis*” (Illouz), o “Homem Terapêutico” ou “Homem Psicológico” (Rieff), um ser que vive para ser agradado, que é orientado pelas suas emoções e afetos, que tem a sua identidade autenticada a partir do que sente (e o que sente deve sempre ser reconhecido como a verdade sobre a realidade) e que demanda reconhecimento dos seus sentimentos pelo outro. Esse é o Homem Afetivo.

1.3 O Emergir de um Novo Ambiente Social

A expressão “Revolução Afetiva”,³⁴ ao que tudo indica, foi cunhada pelo teólogo e mestre em Teologia e em Ciência da Religião Guilherme de Carvalho, que também é diretor de L’Abri Fellowship Brasil. Carvalho tem se debruçado há alguns anos sobre o estudo do tema. Este trabalho, em grande parte, teve sua inspiração a partir do contato com palestras e artigos produzidos por Guilherme de Carvalho.

De acordo com Carvalho, em concordância com Illouz, “a Revolução Afetiva começou a se manifestar no início do Século XX”,³⁵ mas teve a sua consolidação e desenvolvimento ao longo da segunda metade daquele século. Gilles Lipovetsky afirma que “uma nova modernidade nasceu: [e] ela coincide com a ‘civilização do desejo’”.³⁶

³³ Cf. *A Declaração de Independência dos Estados Unidos da América*, em que consta a afirmação de que o Criador dotou todos os homens “de certos direitos inalienáveis, que entre estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade” (destaque meu). Disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/declaraindepeEUAHISJNeto.pdf>>. Acesso em 23/09/2022.

³⁴ CARVALHO, Guilherme de. *Sobre a “Ciência Cristã das Afeições”*. Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/guilhermedecarvalho/2015/07/20/sobre-a-ciencia-crista-das-afeicoes/#more-1061>>. Acesso em: 20/09/2022.

³⁵ CARVALHO, Guilherme de. *Fé e Sexo II – A Revolução Afetiva*. Disponível em: <<https://thepilgrim.com.br/catalogue/product/264>>. Acesso em: 25/09/2022.

³⁶ LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.11.

Assim como Illouz, Lipovetsky associa o advento da Revolução Afetiva ao aparecimento da sociedade de consumo de massa e capitalista. Declara, ainda, que é impressionante perceber que num intervalo tão curto de tempo essa

nova modernidade [alterou] os gêneros de vida e os costumes, ocasionou uma nova hierarquia dos fins bem como uma nova relação com as coisas e com o tempo, consigo e com os outros.³⁷

Lipovetsky denomina essa mudança cultural de “nova religião”³⁸ e afirma que a busca constante pelo maior bem-estar emocional e por conforto psíquico tornou-se uma paixão e grande referência de massa, transformando de maneira bastante profunda os modos de vida e os gostos, as aspirações e os comportamentos da imensa maioria dos indivíduos da sociedade ocidental contemporânea.

A compreensão da cultura como um ambiente emocionalmente afetado, tendo todos os seus símbolos e sistemas de organização percebidos como terapêuticos ou afetivos, induz ao entendimento de que toda a realidade existe para fazer o homem se sentir bem. Rousseau via a comunidade com os seus padrões de moralidade como “um fardo do qual é preciso que o indivíduo se livre, se quiser conquistar um sentimento de bem-estar”. Assim, “a atitude mais conducente a um sentimento de bem-estar era, não um sentimento de ligação [comunitária], mas sim um alheamento crítico”.³⁹ Isto é, a única forma de realização humana seria através de um individualismo tácito em que a conquista da própria satisfação pessoal em todas as áreas se torna o principal propulsor da vida humana. A partir dessa perspectiva, “Rousseau propôs que os indivíduos são a única realidade suprema”.⁴⁰ Por isso mesmo, a psicanálise de Freud (e toda a psicologia moderna) empreendeu esforços para cooperar com o desenvolvimento de uma cultura individualista, com vistas à satisfação do sujeito que anseia, como nunca antes, pelo bem-estar emocional.

O homem psicológico é, também, um homem narcísico. Não apenas deseja se sentir bem, mas espera ser reconhecido pelos outros puramente com base em seus sentimentos.

Christopher Lasch, a esse respeito, disse o seguinte:

³⁷ LIPOVETSKY, op. cit., p.11.

³⁸ Ibid., p.11.

³⁹ Ibid., p.82.

⁴⁰ PEARCEY, Nancy Randolph. *Verdade Absoluta: libertando o Cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p.155.

O clima contemporâneo é terapêutico, não religioso. Hoje em dia, as pessoas desejam não a salvação pessoal... mas o sentimento, a ilusão momentânea de bem-estar pessoal, saúde e segurança psíquica.⁴¹

Seu entendimento de que o indivíduo moderno estava cada vez mais voltado para si, em busca da satisfação dos seus próprios afetos, era compartilhado por outros pensadores do seu tempo. Para Lasch, existia um movimento de celebração do potencial humano gerado e cultivado pelas terapias nascidas a partir do final do século XIX e que ensinavam que “a volição individual é todo-poderosa e determina totalmente o destino de cada um”.⁴² Como consequência, havia a intensificação do isolamento do eu. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que o moderno, individualista e narcísico “Homem Terapêutico” manifestava ilusões de onipotência, ele dependia do outro para validar e autenticar a sua identidade para, assim, reforçar a sua autoestima. Sua aparente liberdade das “constrangedoras” exigências sociais e de laços familiares gerou nesse novo homem insegurança e neuroses profundas, isso porque a sua crença de que poderia satisfazer a sua busca de autenticidade afetiva numa fonte interior, no contato íntimo consigo mesmo, onde a alegria, o bem-estar e o conforto emocional estariam à sua disposição, não se confirmou. O homem psicológico não poderia viver sozinho, embora acreditasse que sim.⁴³

Não obstante, mesmo buscando e acreditando que tudo de que precisa para sua autorrealização e auto-expressão pode ser encontrado dentro si, o homem psicológico demanda reconhecimento e validação externos. Não basta estar feliz, ele precisa que outros reconheçam isso. Não é suficiente a percepção da identidade de acordo com suas próprias sensações, pretensões e emoções, todos a sua volta devem também atestar que essa é a mais límpida e inquestionável realidade, simplesmente porque é assim que ele se sente. Lasch entende que “toda sociedade reproduz sua cultura – suas normas, suas presunções adjacentes, seus modos de organizar as experiências – no indivíduo, na forma da personalidade”.⁴⁴ Daí, pode-se deduzir que as crises relacionadas à identidade do indivíduo, seus anseios e pretensões, enfim, seu mapa mental sócio-organizacional, são a expressão de uma sociedade que luta contra os mesmos dramas.

⁴¹ LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago Dei, 1983. p.27.

⁴² MARIN, Peter. Apud LASCH, op. cit., p.29.

⁴³ Sobre a necessidade e a importância da vida em comunidade e do relacionamento interpessoal, cf. HAIDT, Jonathan. *A Hipótese da Felicidade*. 1ª Ed. São Paulo: LVM, 2021, capítulos três e quatro.

⁴⁴ LASCH, op. cit., p.58.

Contrariando o ideal de autonomia e de desvinculação de padrões de moralidade da modernidade, Charles Taylor, em sua obra “As Fontes do *Self*”, reconheceu “o fato de ser essa identidade [do homem moderno] muito mais rica em fontes morais do que concebem seus detratores”.⁴⁵ Para Taylor, a individualidade humana é a sua própria identidade e a moralidade é seu fator estabilizador. Porque o homem moderno voltou as costas para toda tradição e paradigmas ortodoxos do passado, acreditando poder viver por si e de si mesmo, não mais consegue manter a sua estabilidade emocional. A verdade é que quanto mais o indivíduo psicológico se esforça para encontrar o que tanto anseia – bem-estar emocional e conforto afetivo, mais distante ele fica do seu alvo. Uma outra (antiga) ontologia, fundamentada em princípios morais, precisa ser resgatada, pois ela é a única resposta suficiente para os anseios do homem de todas as épocas, reconheça-se isso ou não.⁴⁶ A crise do homem moderno reside em não conseguir viver da forma que sempre pretendeu: alienado de todas as amarras morais e de tradição.

Talvez seja possível afirmar que o homem moderno se perdeu em sua busca. A crise de autoridade que marcou o movimento iluminista alcança o seu apogeu em nosso tempo, tornando o indivíduo alheio e rebelde contra todo tipo de ordem, organização ou sistema que pretenda lhe impor algum limite. O homem moderno, supostamente autônomo e dono de si, busca, agora, sua plena realização, tentando deixar para trás todas as antigas amarras morais que antes o prendiam. Crendo ele ser senhor de si e não mais dependente das ortodoxias tradicionais e da coletividade para lhe conferir uma identidade, está disponível para aproveitar todas as oportunidades que a vida poderá lhe oferecer. Com o avanço tecnológico, com o crescimento econômico, vencidas as grandes dificuldades das sociedades antigas – peste, fome e guerra, com a expectativa das grandes, possíveis e esperadas realizações futuras, o indivíduo acredita ter, finalmente, atingido a plena independência e total emancipação.⁴⁷ Mas essa é uma pseudoliberalidade.

Tratando sobre esse assunto e discorrendo a respeito da suposta autonomia do indivíduo, assim se manifestou Francis Schaeffer:

⁴⁵ TAYLOR, op. cit., p.11.

⁴⁶ Cf. KELLER, Timothy. *Deus na Era Secular: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo*. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2018, capítulos seis e sete.

⁴⁷ Sobre os avanços culturais e tecnológicos dos seres humanos nos últimos séculos e a sua crença de que, superando as crises mais ferrenhas, poderá “promover-se à condição de deuses”, consultar o capítulo um de HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Que é liberdade autônoma? É a liberdade em que o indivíduo é o centro do universo. Liberdade autônoma é a liberdade sem restrições... É a liberdade que não mais se ajusta no mundo racional. Apenas espera e tenta fazer, pela força de vontade, com que o indivíduo seja livre – e tudo o que resta é a expressão própria, expressão pessoal.⁴⁸

Dessa forma, o “*Homo Sentimentalis*” abandonou a racionalidade e adentrou pelo labirinto das suas próprias emoções e cada vez que ele busca sentido dentro de si, um ponto de contato com algo superior (transcendente?), ele encontra apenas a si mesmo, e tudo o que emana do seu interior é a mera expressão da própria personalidade. Ao desprezar os padrões morais, o homem moderno se perdeu e permanece perdido em seus sentimentos. Isso, porque “saber quem se é equivale a estar orientado no espaço moral”.⁴⁹ Com a ausência, ou desprezo deliberado, desse espaço, o homem moderno não se reconhece e não se realiza. Assim, o homem psicológico sequer consegue entender a si mesmo e a expressão manifesta da sua identidade.

Taylor insiste:

Defino quem sou ao definir a posição a partir da qual falo na árvore genealógica, no espaço social, na geografia das posições e funções sociais, em minhas relações íntimas com aqueles que amo e, de modo também crucial, no espaço de orientação moral e espiritual dentro do qual são vividas minhas relações definitórias mais importantes.⁵⁰

Portanto, sou o que sou apenas em relação a certos interlocutores e ao espaço onde o meu eu pode ser e é manifestado. A psicologia nascida na cultura moderna, contrariando esse entendimento, desenvolveu concepções de individualismo que mostram o ser humano como um ente que pode encontrar suas coordenadas de vida e seu mapa de autorrealização dentro de si mesmo e isolado das tradições e do outro. De acordo com Rieff, “Oriente e Ocidente estão agora ambos comprometidos, cultural e economicamente, com o evangelho da auto-realização” (sic.).⁵¹ Todavia, ainda que a mensagem proclamada através do “evangelho da auto-realização” esteja “convertendo” uma parcela considerável da sociedade, a ponto de definir políticas públicas, estratégias econômicas e comerciais, teorias pedagógicas, relacionamento familiar, inclusive o próprio conceito de família, a “salvação” tão esperada parece nunca chegar. Talvez seja meramente uma utopia, não uma esperança válida.

⁴⁸ SCHAEFFER, Francis A. *Morte da Razão*. 2ª Ed. São Paulo: ABU, 2007. p.30.

⁴⁹ TAYLOR, op. cit., p.44.

⁵⁰ Ibid., p.54.

⁵¹ RIEFF, op. cit., p.245.

Olhando para todo esse contexto, pode-se compreender a Revolução Afetiva como um novo campo social ou uma nova esfera de poder na qual o indivíduo tenta atuar por conta própria, livre de exigências culturais e de antigas tradições. Nesse ambiente, esse novo homem tem como referência única e última somente os seus próprios afetos, e a satisfação dos seus mais profundos anseios por bem-estar emocional é a bússola que guia todas as suas decisões e escolhas, determinando a forma como ele se percebe e percebe o outro e a maneira como lida com tudo mais à sua volta. No contexto sociocultural dominado pela esfera dos afetos, todos os demais aspectos da realidade demandam dela capital social para funcionar. Assim, por exemplo, o aspecto da harmonia estética não mais estabelece a beleza a partir de um referencial objetivo, como compreendia Aristóteles, que afirmava que arte é mimetismo. Na era dos afetos, o belo é definido pelo sentimento do artista, seja o que for que ele entenda como tal. Igualmente, no campo econômico, no processo compra/venda, as empresas não mais vendem algo apontando para a sua utilidade e a sua capacidade de suprir carências reais, mas apresentam a possibilidade de uma boa experiência, e é exatamente à procura disso que os consumidores estão.

Portanto, a Revolução Afetiva pode ser percebida como uma transformação pela qual vem passando a sociedade ocidental a qual tem reestruturado todas as relações sociais sobre bases puramente sentimentais. Nesse ambiente, as emoções, a auto-expressão, a autorrealização, a felicidade e a autenticação da identidade do indivíduo se tornaram o centro organizador da vida do homem moderno.

2 REVOLUÇÃO AFETIVA E SUA MANIFESTAÇÃO

Procuramos mostrar, acima, que novos padrões de valores estão sendo inculcados na mente do homem do nosso tempo e como isso tem afetado profundamente sua vida e seus relacionamentos sociais. A nova cultura terapêutica é uma cultura que coloca os sentimentos e a auto-expressão no centro da vida, levando todos os valores e instituições a se organizarem para atender a busca de felicidade do sujeito contemporâneo. Dessa forma, tornamo-nos

unidos pelo evangelho da felicidade psicológica... compartilhamos a crença de que os sentimentos são sagrados e a salvação está na autoestima, de que a felicidade é a meta final e a cura psicológica, o meio para atingi-la.⁵²

Mas, existem evidências que podem demonstrar e comprovar essas afirmações? Em que áreas da cultura e da sociedade podem ser percebidas manifestações da Revolução Afetiva? Acreditamos que em muitas (se não em todas as) áreas da sociedade essa influência pode ser vista. Assim, buscaremos apresentar abaixo alguns exemplos de manifestação da esfera dos afetos e de como ela tem sobrepujado outros aspectos da realidade.

Em sua obra “As Fontes do *Self*”, Charles Taylor apresenta uma teoria bastante importante e que será de grande auxílio para entender a influência do campo dos afetos sobre os demais. Taylor explica que os seres humanos organizam sua vida em torno e a partir de valores que ele denomina de “bens”. Esses bens podem ser de vários tipos e categorias, tendo significados pessoais e/ou coletivos. A título de exemplo, podemos citar: a racionalidade, a vida familiar, a autorrealização, o culto a Deus, a fama, a justiça ou as riquezas. Os indivíduos se orientam por mais de um bem ou por vários bens distintos. Taylor defende que a convivência das pessoas com esses bens é, em grande parte, pacífica, contudo as pessoas terminam por hierarquizá-los, dotando “um deles de suprema importância relativamente aos outros”.⁵³ A esse bem que o indivíduo, consciente ou inconscientemente, elege como sendo de importância primordial e que ocupa um lugar de valor incomparável em sua vida, Taylor chama de “hiperbem”.

Um hiperbem não apenas tem esse lugar de importância única na vida do indivíduo, mas ele assume o papel de último tribunal de recursos sobre os demais bens

⁵² MOSKOWITZ, Eva S. Citado em CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. São Paulo: Ubu, 2022. p.29.

⁵³ TAYLOR, op. cit., p.89.

da vida, definindo seus valores e peso no contexto da realidade. É o hiperbem que servirá como marco para todos os julgamentos que uma pessoa vier a fazer, seja em que área da vida for. Por ocupar um lugar de destaque e altamente especial, todos os outros bens funcionam e são orientados em função do bem supremo, que determina até mesmo a identidade de um indivíduo. Assim, devido a esse aspecto essencial, toda a vida da pessoa se orienta e tem seu fluxo voltado para o bem máximo dentre os seus demais bens. Quanto mais próxima a direção e a orientação da existência se voltar para o bem supremo, mais afirmada será a identidade da pessoa. O contrário também é verdadeiro. O afastamento do hiperbem eleito pelo indivíduo é percebido como uma ameaça à sua própria identidade, ao seu próprio eu, o que causa um desespero que alcança a essência da pessoa enquanto ser. É o hiperbem de um dado indivíduo que ordena o seu universo moral, funcionando como mapa organizacional para todas as suas escolhas e decisões, e até para estabelecer o que é ou não válido para a vida em todas as suas nuances.

O espaço moral do homem do nosso tempo, conforme viemos estudando até aqui, é o ambiente de construção de sua identidade, que se define por meio da jornada em direção àquilo que se considera ter o máximo valor e através do estabelecimento ou quebra de relações com outros bens que são definidos e avaliados de acordo com o hiperbem. Nessa nova ambiência social ocidental, em que a busca pela felicidade se tornou “o suprassumo do triunfo da sociedade personalista (terapêutica, individualista, atomizada) em detrimento da coletivista”,⁵⁴ os bens máximos eleitos são o bem-estar e as relações afetivas do indivíduo. O professor e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte Bruno Ribeiro assim se manifesta a respeito desse assunto: “o grande hiperbem da contemporaneidade são as nossas experiências interiores. As experiências subjetivas dos sujeitos são o grande hiperbem que nós elegemos para pegar o nosso mapa moral e organizar os outros bens em torno dele” (sic).⁵⁵

Com a emergência dessa nova esfera de influência, o campo afetivo, os movimentos e ações sociais e pessoais dos indivíduos têm se orientado na direção da busca do bem-estar emocional. Esse novo hiperbem cultural foi erigido como o padrão a partir do qual todos os outros bens comuns são julgados, alterando radicalmente o lugar dos antigos valores morais e tradições que eram fundamentados na percepção cristã da

⁵⁴ CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. São Paulo: Ubu, 2022. p.21.

⁵⁵ RIBEIRO, Bruno. *Revolução Afetiva – Congresso de Cosmovisão*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=711aPB3YrTk>. Acesso em 03/09/2022.

vida. Eva Illouz entende que na era dos afetos, “os sentimentos, portanto, organizam-se hierarquicamente, e esse tipo de hierarquia afetiva, por sua vez, organiza implicitamente os arranjos morais e sociais”.⁵⁶ Ou seja, toda a sociedade é dirigida e organizada em torno das sensações afetivas e emocionais dos indivíduos que dela fazem parte.

Abaixo, são apresentados dois exemplos da manifestação da Revolução Afetiva em áreas centrais da existência humana. Eles mostram como os aspectos da realidade estão sendo redefinidos e indicam que os modelos tradicionais de instituições da sociedade ocidental, como os conhecemos, estão ameaçados de abolição.

2.1 Revolução Afetiva e o Direito

Maria Berenice Dias é uma jurista brasileira e desembargadora aposentada do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Ela também é uma das fundadoras do Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM, Presidente da Comissão de Direito Homoafetivo e Gênero, tendo participação na Comissão Especial da Diversidade Sexual e Gênero do Conselho Federal da OAB. Ela ajudou a elaborar o Estatuto da Diversidade Sexual e Gênero, que foi apresentado ao Senado Federal por iniciativa popular (PLS 134/2018) e é, ainda, autora de diversos livros nas áreas de direito das famílias e sucessões, homoafetividade e violência doméstica.

Já há alguns anos, Dias tem estudado e produzido muito material sobre a família e sobre o casamento, e se percebe nos seus escritos defesas e propostas de redefinição do conceito de família e de casamento, instituições tradicionalmente orientadas pela moral e ética cristãs. Em seu artigo “Casamento: nem direitos nem deveres, só afeto”, Dias propõe que o casamento seja redefinido em termos afetivos e emocionais, puramente. Ela escreve:

Despontam novos modelos de família, mais igualitárias nas relações de sexo e idades, mais flexíveis em suas temporalidades e em seus componentes, menos sujeitas à regra e mais ao desejo. Quem sabe está na hora de abandonar a expressão “cônjuge”, que tem origem na palavra *jugum*, nome dado pelos romanos à canga que prendia as bestas à carruagem. Daí o verbo *conjugere* designar a união de duas pessoas sob o mesmo jugo, a mesma canga. Talvez seja o caso de se resgatar a palavra “amante”, que significa tanto a pessoa que ama como quem é o objeto do amor de alguém, expressão que melhor identifica a razão de as pessoas ficarem juntas: porque se amam. Quem sabe é de se apropriar do conceito de Savatier à “união livre”, até porque a liberdade enseja a forma mais pura

⁵⁶ ILLOUZ, op. cit., p.7.

para a manutenção de um relacionamento afetivo, no qual *não há fidelidade, obediência, assistência obrigatória. Tudo isso, dado por amor, não deve durar senão enquanto puder durar esse amor. Os amantes nenhum compromisso assumem para o futuro; a independência de ambos é sagrada. Nas páginas de sua vida nada se escreve com tinta indelével* (destaque da autora).⁵⁷

Valores como permanência (“até que a morte os separe”), fidelidade, exclusividade, cuidado e zelo com a prole, entre outros, e que sempre estiveram ligados ao conceito de família e casamento, são ignorados e mesmo desprezados por Dias, para quem os afetos são a única e a última referência para a constituição e sustento do relacionamento conjugal.

Guilherme de Carvalho cita o jurista, professor e doutor em direito Ricardo Calderón como demonstração de que essa nova visão sobre a família e o casamento tem alcançado capilaridade social bastante ampla. Calderón declara que

A percepção da família como espaço para a livre realização pessoal dos seus integrantes é de importância singular, passando a ser descrita como precípua a sua função eudemonista. A família passa a ser reconhecida como relevante esfera privada, vindo a se configurar como espaço para o livre desenvolvimento da personalidade individual... a satisfação é o que justifica a sua permanência, ainda que por um curto período.⁵⁸

A família deixa de ser um ambiente gerador de capital moral para se tornar um espaço para as realizações pessoais, de maneira que os seus membros, cada um *per se*, sem culpas ou constrangimento de nenhuma espécie, utilizam-se dela para os seus próprios fins emotivistas.⁵⁹

Parece evidente a invasão do campo dos afetos sobre o campo da família, inclusive redefinindo o seu próprio significado e remodelando a sua função social milenar e histórica. Essa percepção é reforçada quando se toma conhecimento de que ministros do Supremo Tribunal Federal do Brasil têm se valido das considerações e escritos de Maria Berenice Dias para fundamentar seus votos em sessões do STF a respeito de assuntos correlatos, tais como relações homoafetivas e direito de família, formando jurisprudência que passam a orientar todo o ordenamento jurídico brasileiro.

⁵⁷ DIAS, Maria Berenice. Casamento: nem direitos nem deveres, só afeto. Disponível em: <<https://berenedias.com.br/casamento-nem-direitos-nem-deveres-so-afeto/?print=pdf>>. Acesso em 04/10/2022.

⁵⁸ CARVALHO, Guilherme. *A Revolução Afetiva e a Resposta Cristã*. Material não publicado, usado com permissão do autor.

⁵⁹ Sobre a Teoria Emotivista, cf. MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude: um estudo sobre teoria moral*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021, capítulos dois e três.

2.2 Revolução Afetiva e a Educação

O médico psiquiatra britânico Anthony Daniels, que usa o pseudônimo Theodore Dalrymple, escreveu um livro intitulado “Podres de Mimados: as consequências do sentimentalismo tóxico”. Nele, o autor mostra como a sociedade inglesa tem lidado com as questões relacionadas à infância e à juventude. Daniels revela como as crianças do Reino Unido são superprotegidas e como os seus pais são permissivos, o que tem propiciado o aparecimento de uma geração de jovens sem limites e “podres de mimados”. O autor mostra dados de violência infantil e escolar na Inglaterra, revelando que um percentual considerável de professores é agredido não somente por alunos, mas também pelos pais desses alunos, que não admitem que ninguém, nem eles mesmos, se atreva a sequer chamar a atenção de seus filhos. O argumento de Dalrymple é de que toda essa violência, ou a maior parte dela, tem sua origem no sentimentalismo ou no culto do sentimento.

Segundo Daniels,

Os românticos [que são guiados pelo sentimentalismo] enfatizavam a inocência e a bondade intrínseca das crianças, em contraste com a degradação moral dos adultos. Assim, o jeito de criar adultos melhores, e de assegurar que essa degradação não acontecesse, era encontrar o jeito certo de preservar sua inocência e sua bondade. Educar corretamente passou a ser impedir a educação.⁶⁰

Mark Lilla, professor de Humanidades na Universidade de Columbia, reconhece que é difícil entender e definir o que o indivíduo romântico⁶¹ procura, pois pode ter muitos nomes: “autenticidade, transparência, espontaneidade, integridade, libertação. Que o mundo seja um só”.⁶² Se seu anseio não é alcançado, ou melhor, atendido, ele se coloca entre duas possibilidades: refugiar-se para continuar sendo o que acredita ser – um indivíduo autêntico e autônomo; ou lutar pela transformação da sociedade de maneira que ela se torne uma extensão do indivíduo romântico idealizado. A busca dos românticos é pela criação de um “mundo em que ele ou ela seja dono de uma identidade

⁶⁰ DALRYMPLE, Theodore. *Podres de Mimados: as consequências do sentimentalismo tóxico*. 1ª Ed. São Paulo: É Realizações, 2015. p.22.

⁶¹ Sobre os pressupostos do Romantismo e suas influências sobre a formação da identidade do indivíduo e da cultura ocidentais, consultar TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna*. 4ª Ed. São Paulo: Loyola, 2013, capítulo 23.

⁶² LILLA, Mark. *O Progressista de Ontem e do Amanhã: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p.59.

perfeitamente integrada e sem conflitos”⁶³, e preservar as crianças do mal que há no ambiente adulto tem sido uma das maneiras de tentar alcançar tal objetivo.

Daniels argumenta e denuncia que o sistema educacional foi tão afetado por esse modo de pensar que até a maneira de se alfabetizar as crianças foi modificado para atender a essa orientação. Os teóricos da pedagogia e da psicologia infantil do século XX acreditavam e defendiam que as crianças aprenderiam melhor se aprendessem por si mesmas, sem a interferência dos (segundo eles) adultos moralmente deturpados, que deveriam participar da educação dos infantes apenas como coadjuvantes e servidores dos pequeninos. Essa tônica educacional pode ser vista na seguinte frase: “O que eu faço certo [enquanto professor] é fácil de entender: eu saio do caminho, eu dou às crianças espaço, tempo e respeito”⁶⁴ e, assim, o processo ensino-aprendizagem se torna mais efetivo e eficiente, acredita John Taylor Gatto.

No entanto, os prejuízos no processo ensino-aprendizagem não demoraram a aparecer, e isso pôde ser reconhecido não apenas no Reino Unido, mas também na França, com um sistema educacional que produzia pessoas incapazes de ler de maneira correta e de interpretar adequadamente o que se lia.⁶⁵ Mesmo assim, os teóricos defensores de uma educação romântica relutaram (e ainda relutam) em admitir seu erro de avaliação e de compreensão da infância. Pestalozzi, seguidor de Rousseau, acreditava que “as capacidades humanas desenvolvem-se a si mesmas”, e o filósofo americano John Dewey escreveu que as crianças não deveriam ser forçadas a nada, mas tinham de ser deixadas mover-se livremente, pois “devemos esperar pelo *desejo da criança*, pela consciência da necessidade” (destaque meu). Henry Caldwell Cook, educador britânico, afirmou que “o cerne da minha fé é que o único trabalho que vale a pena fazer é brincar; por brincar, quero dizer *fazer qualquer coisa com o coração*” (destaque meu).⁶⁶ O processo educacional estava, então, sendo orientado pelas emoções.

A educação começou a ser pensada mais em termos de sentimento e de gosto do que em termos de conhecimento. Essa realidade apenas se intensificou com o passar do tempo. Dessa forma, importa menos que tipo conhecimentos e que conteúdos os alunos deverão absorver, sendo mais importante como eles se sentirão ao final da (e mesmo

⁶³ DALRYMPLE, op. cit., p.60.

⁶⁴ GATTO, John Taylor. *Emburrecimento Programado: o currículo oculto da escolarização obrigatória*. 1ª Ed. Campinas, SP: Kíron, 2019. p.39.

⁶⁵ Cf. a introdução de DALRYMPLE, op. cit., especialmente as páginas 23-31.

⁶⁶ Apud DALRYMPLE, op. cit., pp.26,27.

durante a) sua jornada estudantil. A situação atingiu tal gravidade, que Daniels chegou à seguinte conclusão:

Anos depois, é comum que se pense que ter uma opinião sobre um assunto, algo que é ativo, é mais importante do que ter qualquer informação sobre aquele assunto, que é passivo; e que a veemência (sentimento) com que se sustenta uma opinião é mais importante do que os fatos (conhecimento) em que ela se baseia.⁶⁷

Dalrymple entende que, no contexto da educação, a visão romântica (sentimentalista) triunfou sobre o valor do conhecimento, da mesma forma que triunfou sobre os valores da família. A ideia de que o objetivo da família, e dos seus membros em particular, é a felicidade individual dos que a compõem gerou desprezo por outras referências não-românticas para a vida familiar e o casamento, tais como obrigação social, cuidado com os filhos, interesse financeiro, dever moral, procriação, sendo as mesmas substituídas por nada além de afetos e inclinação emotiva. Estas são, hoje, as únicas bases aceitas para a estabilidade relacional, sendo todas as demais consideradas opressoras e, por isso, devem ser descartadas. Toda essa reflexão é fundamentada na compreensão de que o desejo reprimido e tolhido é perigoso. Assim, deve-se dar ampla liberdade para tudo o que flui das fontes emocionais. Esse é o pensamento que impera nas políticas educacionais dos nossos dias.

Segundo essa perspectiva, é da mais alta importância incentivar a autoestima da criança (o que na verdade é tão somente o seu respeito próprio ideologicamente sentimentalizado) e jamais dar a mínima impressão de que ela, a criança, seja incapaz de realizar qualquer coisa, pois se tal acontecesse poderia coibir, talvez definitivamente, o seu entusiasmo. Assim, não se pode, por exemplo, apontar erros nos exercícios feitos por uma criança, menos ainda retirar pontos dela por equívocos relacionados à compreensão dos conteúdos ministrados.⁶⁸ Obviamente que essa postura é imiscuída de uma suposição de que as crianças são tão frágeis psicológica e emocionalmente que não têm estrutura para suportar quaisquer contrariedades. Essa ideologia afirma que não há prazer no domínio do conhecimento e na capacidade de fazer algo que antes era impossível. O prazer reside “apenas na autossatisfação acrítica”.⁶⁹

As consequências são terrivelmente danosas. Dalrymple faz uma reflexão bastante triste do que poderá ser o futuro dessas crianças:

⁶⁷ DALRYMPLE, op. cit., p.32.

⁶⁸ Ibid., p.29.

⁶⁹ Ibid., p.63.

... como a maioria dos que saem da escola nunca mais estudarão história ou pensarão a seu respeito, esse será seu pressuposto subjacente a respeito de todas as demais questões públicas, se não para sempre, ao menos por muito tempo, suposição essa que os deixará suscetíveis ao canto da sereia de diversos demagogos que afirmam pureza de motivos e que manipulam impiedosamente os corações para obter o poder e retê-lo.⁷⁰

Aparentemente, são claros os riscos que essa dinâmica educacional, que também é encontrada no Brasil, especialmente na educação infantil, apresenta.⁷¹ Nas escolas brasileiras, os professores são praticamente proibidos de dizer que a criança escreveu ou se manifestou de forma equivocada ou que ela, de alguma forma, labora em erro. Há uma supervisão contínua de pedagogos e gestores para que nenhum professor cometa tão grave sacrilégio.⁷² Sem contar que as próprias crianças, fruto desse meio, já absorveram essa ideologia e vão correndo relatar para os seus papais quão insensível e opressora foi a professora, porque teve a audácia de dizer que ela, como qualquer outro ser humano, é falha.

A conclusão da obra de Daniels tem um quê de deprimente:

Contudo, em inúmeras áreas, o sentimentalismo triunfou. Ele exerce uma perversa influência sobre as vidas de milhões de crianças, criando uma dialética de superindulgência e de abandono. Ele destruiu os padrões educacionais e trouxe inaudita instabilidade emocional por causa da teoria das relações humanas que abraçou. O sentimentalismo foi o precursor e o cúmplice da brutalidade sempre que as políticas sugeridas por ele foram postas em prática. O culto do sentimentalismo destrói a capacidade de pensar, e até a consciência de que é necessário pensar.⁷³

Contrariando o papel tradicional central da escola, que é a transmissão e a construção de conhecimento, o sistema educacional contemporâneo tem treinado “os alunos para serem exploradores de caverna da própria identidade, tirando-lhes qualquer curiosidade pelo mundo que há fora de sua cabeça”.⁷⁴ Assim, voltados apenas para si mesmos e encontrando todo um aparato sociocultural que favorece o individualismo e o narcisismo, os alunos estão cada vez mais exigindo ser satisfeitos em sua busca por

⁷⁰ DALRYMPLE, op. cit., p.89.

⁷¹ Sobre a educação em solo brasileiro, cf. PORTELA NETO, Francisco Solano. *O que estão ensinado aos nossos filhos? : uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã*. 1ª Ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2012.

⁷² Para uma abordagem desse entendimento educacional, ver FURTADO, Júlio. *A Pedagogia do Erro*. Disponível em: <<https://www.construirmoticias.com.br/a-pedagogia-do-erro/>>. Acesso em: 22/11/2022.

⁷³ DALRYMPLE, op. cit., p.199.

⁷⁴ LILLA, op. cit., p.50.

bem-estar emocional e reconhecimento da sua identidade individual. Para eles, o que importa são os seus afetos, tudo mais é secundário.

Essas consequências observadas são provenientes da invasão do campo dos afetos na esfera da educação. O capital que deveria reger as relações na área acadêmica, desde o seu início, é o intelectual e o do conhecimento, todavia, com a emergência da Revolução Afetiva o capital emocional assumiu o protagonismo e está ditando regras numa área que não deveria ser a sua. E essa realidade não apenas se vê na Europa, mas no nosso país a política educacional segue pelo mesmo caminho. À guisa de exemplo, na coluna de opinião do jornal Folha de São Paulo, a articulista Laura de Mattos escreveu um artigo com o seguinte título: “Você acha mais importante a escola dar aula de matemática ou de empatia?”.⁷⁵ A mera existência de tal pergunta num expediente de alta circulação já é, por si só, sintomática e autoexplicativa. A sentença final de Daniels é séria: “agora somos sentimentais do berço ao túmulo”,⁷⁶ e esse sentimentalismo tornou-se a liberdade de expressar as emoções com a total ausência de julgamentos quanto a elas, tendo todos a nossa volta de se submeter ao que é sentido.

O resultado é que, nesse contexto, os sentimentos, tais como empatia, tornam-se mais valorizados que categorias fundantes da humanidade, tais como justiça, verdade, lealdade etc. Assim,

... o portador de um afeto é reconhecido como o árbitro supremo de seus próprios sentimentos. “Sinto que...” implica não só que a pessoa tem o direito de se sentir dessa maneira, mas também que esse direito a habilita a ser aceita e reconhecida, simplesmente em virtude de ela se sentir de certo modo.⁷⁷

Se uma pessoa afirma: “Sinto-me ofendida”, esse sentimento deverá ser imediatamente admitido, sem discussões. Dessa forma, os sentimentos acabam por ter validade própria, bastando para tanto serem externalizados. Assim, a identidade se auto-expressa ao mesmo tempo em que se autorrealiza. Quem não se sente realizado passa a necessitar de atenção e terapia, esperando um dia obter a cura terapêutica para, então, ser. Todo o espectro educacional foi infectado com essa perspectiva da vida e da realidade, o que tem servido como fundamento para as políticas educacionais, inclusive, do Brasil.

⁷⁵ MATTOS, Laura. *Você acha mais importante a escola dar aula de matemática ou de empatia?* Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-mattos/2022/03/voce-acha-mais-importante-a-escola-dar-aula-de-matematica-ou-de-empatia.shtml>>. Acesso em 03/08/2022.

⁷⁶ DALRYMPLE, op. cit., p.74.

⁷⁷ ILLOUZ, op. cit., p.46.

Muitos outros exemplos poderiam ser oferecidos, no entanto, para os fins aqui propostos, acreditamos que estes dois já cumprem a exigência. A partir do que foi mostrado, o que se tem percebido não é somente o aparecimento e a consolidação da esfera afetiva, mas a sua predominância sobre outros campos de poder. Guilherme de Carvalho denomina essa sobreposição de esferas de poder de “uma violência simbólica” ou “injustiça afetiva”, pois o campo afetivo não poderia dominar sobre outros campos da vida, embora a sua existência seja um fato que não se pode questionar. Essa injustiça precisa ser considerada e tem de se tornar objeto de séria reflexão, na busca por equilibrar as forças de cada campo e preservar a soberania de cada esfera de poder, conforme Deus, o Criador, definiu ao determinar a ordem estrutural da criação.

3 REVOLUÇÃO AFETIVA E O CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO

Jean-Jacques Rousseau, em seu livro “Emílio ou Da educação”, disse o seguinte: “Nas profundezas do meu coração, traçadas pela natureza em caracteres que ninguém pode apagar, só preciso consultar a mim mesmo a respeito do que quero fazer; *o que sinto que é bom, é bom; o que sinto que é ruim, é ruim*” (destaque meu).⁷⁸ Esta é uma ode ao individualismo e à autonomia humana, mormente com respeito aos afetos. Rousseau coloca a si mesmo, e como consequência cada indivíduo, como o referencial último para a definição do que é bom ou mal, certo ou errado, verdade ou mentira, belo ou feio. Nada além da mais crua subjetividade tem autoridade para governar o indivíduo e as suas relações com a realidade na qual está inserido. Sobre isso, assim se manifestou Robert Bellah:

Separado da família, da religião e da vocação como fontes de autoridade, dever e exemplo moral, primeiro o eu procura desenvolver sua própria forma de ação por meio da busca autônoma da felicidade e pela satisfação de suas necessidades. [Nesse contexto] ... o individualismo parece mais do que nunca determinado a levar adiante a tarefa de abandonar qualquer critério que não seja a validação particular radical.⁷⁹

Falando sobre a sociedade americana, Mark Lilla faz uma análise bastante sombria do cristianismo daquela nação. Ele diz que

Apesar de este país ainda ir à igreja, o evangelho que hoje se prega, sobretudo nos círculos evangélicos, está contaminado do mesmo individualismo, do mesmo egoísmo, da mesma superficialidade que infectaram outros setores da vida americana.⁸⁰

A radiografia sociocultural da igreja evangélica americana apresentada por Lilla é o reflexo do que pode ser percebido em todas as sociedades ocidentais dos nossos dias. Tristemente, no lugar de ser influenciador (“sal da terra”), parece que o cristão do século XXI é apenas uma marionete social do ambiente cultural no qual habita. Tomados pelos mesmos afetos e sendo por eles dirigidos como qualquer outro cidadão ocidental, os cristãos seguem pelo mesmo caminho que os não cristãos e se orientam pelos mesmos valores subjetivos. Assim como aqueles que não conhecem o poder do evangelho, os cristãos não mais se guiam por valores morais bíblicos. Temas como obrigação pública, necessidade de solidariedade, renúncia, abnegação, amor ao

⁷⁸ Apud RIBEIRO, op. cit.

⁷⁹ Apud CABANAS; ILLOUZ, op. cit., p.79.

⁸⁰ LILLA, op. cit., p.101.

próximo, prioridade dos interesses dos semelhantes aparentemente já não fazem parte do mapa moral dos membros das igrejas evangélicas. Esse capital moral não pode fluir da economia; a cultura popular também não é uma fonte dele; as escolas de hoje também não; as famílias também já abandonaram esses ideais; e mesmo as igrejas não mais instilam naqueles que as frequentam essa cosmovisão. No lugar disso, todos esses aspectos da realidade se tornaram reféns da Revolução Afetiva e o que deles flui é um sentimentalismo autorreferente. Tudo isso fruto de uma “cultura hiperindividualista, que idolatra a opção pessoal e a autodefinição”⁸¹ como os hiperbens do nosso tempo.

O que se percebe é que o cristianismo contemporâneo também se tornou uma das fontes do discurso afetivo, porque ele também reorganizou o discurso da espiritualidade em torno do bem-estar emocional, em torno dos sentimentos.⁸² Basta, por exemplo, olhar para as liturgias altamente afetivizadas e para a produção musical dita *gospel* para se ter uma ideia. Como bem colocou Guilherme de Carvalho

... o universo da música gospel brasileira se deslocou da função evangelística, pedagógica e estética para uma organização em torno de experiências emocionais subjetivas [ou sensações], narrando experiências e sentimentos morais: “eu quero...”; “eu sinto...”; “eu posso”.⁸³

E porque os cristãos absorveram essa percepção da realidade e condicionaram o seu comportamento a esse entendimento, eles estão perdendo a autoridade espiritual e abdicando do seu papel profético de condenar todo comportamento que seja contrário à vontade do Criador expressa nas Sagradas Escrituras. Por ter transformado o ambiente da moralidade cristã em um ambiente afetivizado, fica implausível para o cristão criticar a busca das demais pessoas, por meios não religiosos, das mesmas experiências que ele, cristão, busca através da religião, pois a lógica dos dois seguimentos é a mesma. O cristianismo do século XXI transformou a devoção religiosa num mecanismo para a conquista de bem-estar emocional e conforto afetivo.

Esse novo ambiente sociocultural tem afetado a religião a ponto de reconfigurar o próprio entendimento do que seja crer em Deus, e a imaginação humana tem se

⁸¹ LILLA, op. cit., p.109.

⁸² Certamente, essa afirmação é por demais generalista e não pode ser aplicada a todos os cristãos. Contudo, ao que parece, essa mentalidade que emerge da Revolução Afetiva e que se tornou o bem máximo das sociedades ocidentais também tem se assenhorado de boa parte dos arraiais evangélicos. Isso pode ser percebido em muitas das músicas (gospel?) produzidas pela igreja de nosso tempo e em não poucos dos sermões pregados nos púlpitos dos templos cristãos espalhados pelo Brasil, muitos dos quais transmitidos pela WEB. Para uma abordagem de como está o “movimento evangélico brasileiro”, cf. LOPES, Augustus Nicodemus. *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. 1ª Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

⁸³ CARVALHO, *Fé e Sexo II – A Revolução Afetiva*, op. cit.

tornado a base para esse processo.⁸⁴ A fé foi quase que completamente desvinculada da racionalidade, sendo submetida ao sentir. E como o reino dos sentimentos foi dominado pela psicoterapia, o que se tem é uma religião não mais baseada nas verdades e proposições objetivas da Palavra de Deus, mas naquilo que o “fiel” sente. Nesse contexto, o cristão busca se realizar não no seu relacionamento com Cristo e no serviço a Ele prestado (“glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre”), mas através de técnicas e orientações psicoterapêuticas. Illouz compreendeu isso bem e chegou à seguinte conclusão: “O credo terapêutico oferece uma variedade de técnicas para facultar à pessoa a conscientização de suas necessidades e sentimentos...”.⁸⁵ Como o homem terapêutico define a sua identidade a partir das suas experiências emotivistas e é reconhecido e validado pelo outro que aceita sem nenhuma contestação a fundamentação dos sentimentos externalizados, o cristão de hoje não mais admite ser confrontado por pecados cometidos e, muitos menos, admite que qualquer pessoa ouse interferir em sua vida pessoal, ainda que seja o líder espiritual da comunidade que frequenta.

Ao se curvar perante o seu ídolo afetivo, o novo cristão aceitou o discurso terapêutico que provocou mudanças dos símbolos mais profundos da identidade humana, que retroalimentou a reformulação de um novo estilo de manifestação afetiva. Sem as amarras morais cristãs, o homem cristão psicológico não tem o dever de prestar contas a quem quer que seja. Assim, pode dar vazão a todos os seus desejos, impulsos e instintos em sua busca frenética pela autorrealização, usando como meio para isso o próprio cristianismo. Nessa nova religião, o sacerdote não é mais o líder espiritual, mas o terapeuta. E como a psicologia não se baseia em moral, mas na busca pelo bem-estar do indivíduo, tudo se torna válido. Assim entendeu Rieff: “se materiais ‘ímorais’, rejeitados sob critérios culturais anteriores, forem eficientes terapeuticamente, realçando o sentimento de bem-estar de alguém, eles serão então úteis”.⁸⁶ Se faz sentir bem, tudo é válido.

Desprezando praticamente todas as configurações sociais e culturais orientadas pela religião e moral cristãs e que durante muitos séculos conferiram identidade e sentido para a vida humana, o cristão moderno está por conta própria e, sem entender

⁸⁴ “A triste verdade é que eles têm imaginado o homem segundo a imagem de Deus e Deus segundo a imagem do homem”, em HANEGRAAFF, Hank. *Cristianismo em Crise: um câncer está devorando a Igreja de Cristo. Ele tem de ser expelido!* 1ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p.131.

⁸⁵ ILLOUZ, op. cit., p.42.

⁸⁶ RIEFF, op. cit., p.39.

bem o que isso realmente significa, está animado com que poderá fazer de si e, assim, sai em busca de resignificação para a sua existência, tentando encontrar o que anseia através do consumo “das coisas espirituais”. No lugar de se descobrir em e através do seu Salvador,⁸⁷ o novo cristão pode ser definido “como um solicitante exponencial de conforto psíquico, de harmonia interior e desabrochamento subjetivo”.⁸⁸ Dessa forma, para o novo cristão, a fuga de todo tipo de dor e sofrimento é plausível e justificável. Porque distante de Deus e da compreensão da realidade a partir do ponto de vista do Criador, o indivíduo cristão terapêutico encara o sofrimento, realidade humana inescapável, como desprovido de todo o sentido.⁸⁹ Como está só, desconectado da tradição histórica e do coletivo, tem de buscar sozinho e por si só a satisfação que tanto anseia. Essa nova realidade se impôs devido ao dismantelamento da ordem hierárquica moral antiga, e em seu lugar foram erigidos “sistemas desregulados e plurais, de classificações imprecisas e confusas que fazem depender do indivíduo o que, até então, dependia de regras e estilos de vida comunitários”.⁹⁰ A conclusão de Rieff é compreensível: “O homem religioso havia nascido para ser salvo; o homem psicológico nasceu para ser agradado. A diferença foi há muito estabelecida, quando o ‘eu creio’, o brado do asceta, perdeu a precedência para ‘a pessoa sente’, o *caveat* do terapêutico”.⁹¹

Como exemplos reais que manifestam essa nova realidade, passo a narrar alguns eventos que indicam que os cristãos de nosso tempo podem ser influenciados mais pelas inclinações afetivas do próprio coração do que pela vontade de Deus expressa em sua Santa Palavra.⁹²

3.1 Teologia

O “Teísmo Aberto” ou “Teologia Relacional” ou “Teologia da Abertura de Deus” é uma teoria que ganhou maior notoriedade, no Brasil, depois da catástrofe que

⁸⁷ “Então, quem tem Deus, disse eu, é feliz” e “Todo aquele que é feliz, portanto, tem a Deus”, em SANTO AGOSTINHO, Bispo de Hipona. *Sobre a Vida Feliz*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, pp.19,41.

⁸⁸ LIPOVETSKI, op. cit., p.15.

⁸⁹ Sobre o papel do sofrimento na vida do cristão e sobre a manutenção do sentido da vida mesmo em meio à dor, cf. PIPER, John. *Em Busca de Deus: a plenitude da alegria*. 2ª Ed. São Paulo: Shedd, 2008, capítulo dez; e KELLER, Timothy. *Deus na Era Secular: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo*. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2018, capítulos três e quatro.

⁹⁰ LIPOVETSKI, op. cit., p.51.

⁹¹ RIEFF, op. cit., p.37.

⁹² “Porque em cada caso a sociedade em que estão inseridos lhes diz em que acreditar. Temos de extrair nossas crenças de algum lugar, e a maioria delas nós inconscientemente selecionamos de nossa cultura ou comunidade – seja ela de caráter étnico, acadêmico, profissional ou familiar”, em KELLER, op. cit., p.167.

ocorreu na Ásia, em dezembro de 2004, ceifando milhares de vidas naquela região do mundo. Embora não seja uma teoria recente, foi a partir daquele período que o debate em torno dela se tornou mais frequente e aquecido em nossa nação.

Um livro escrito por Clark Pinnock, em conjunto com outros autores, chamado “*The Openness of God*” (“A Abertura de Deus”, em tradução livre), talvez seja uma das mais evidentes demonstrações dessa teologia. O teísmo aberto propõe que o futuro está aberto, não fixado e não pré-determinado. A construção do futuro depende das escolhas e decisões feitas pelo homem que, de acordo com essa teoria, é um agente moral livre. Deus não conhece o futuro e participa da sua construção conjuntamente com o ser humano criado à sua imagem e semelhança. Um dos mais graves problemas dessa teologia é que ela toca na doutrina do ser de Deus e na doutrina da providência de Deus. Na tentativa de lidar com um dos mais antigos inimigos da teologia bíblica reformada, o problema do mal, o teísmo aberto acaba por despir Deus da sua grandeza e majestade e eliminar a sua providência e domínio sobre todas as coisas. O teísmo aberto faz de Deus um ser menor do que Ele realmente é. A intenção aqui não é tentar refutar essa teologia, o que já foi feito por eminentes teólogos, mas demonstrar como a Revolução Afetiva pode ter sido um dos elementos de influência sobre os seus proponentes.

Augustus Nicodemus Lopes, em um artigo escrito para o site Monergismo, assim resume o teísmo aberto: 1) a admissão de que o atributo mais importante de Deus é o amor e todos os demais estão a ele subordinados; 2) Deus não é soberano; 3) Deus vive no tempo e não fora dele, por isso desconhece o futuro; 4) Deus se arrisca; 5) Deus é vulnerável; 6) Deus é mutável.⁹³ Essas características do teísmo aberto servem para acalmar o coração daqueles que sofrem diretamente ou que, indiretamente, sofrem com o sofrimento alheio. Já que o amor é o atributo divino que governa todos os demais, podemos perceber Deus como um ser sensível e que se comove com os dramas das suas criaturas. Para ter um verdadeiro relacionamento com o homem, Deus abiu mão da sua soberania, pois não pode haver relacionamento genuíno entre seres essencialmente distintos. Então, para se relacionar com os seres humanos, Deus deu a eles verdadeira e incondicional liberdade. Deus ignora o futuro, mas, em conjunto com o homem, constrói a história. Ambos, Criador e criatura, descobrem juntos o futuro que se desenrola diante deles. Deus deu tal liberdade ao ser humano ao criá-lo que Ele estava

⁹³ LOPES, Augustus Nicodemus. *Teologia Relacional: um novo deus no mercado*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/presciencia/augustus_teologia_relacional.htm>. Acesso em: 21/10/2022.

correndo grande risco, pois jamais saberia o que poderia acontecer a partir do processo finalizado de criação. E ainda continua a correr riscos diariamente, porque embora ame as suas criaturas, tem total respeito pelas decisões delas, buscando, assim, oferecer um relacionamento verdadeiramente significativo. Porque passível de erros e de sofrer, em seu relacionamento com o homem, Deus pode ter seus planos frustrados, e muitas vezes tem, pois o ser humano pode, e faz, muitas coisas que desagradam o Criador. Embora imutável em sua essência, Deus pode mudar seus planos e projetos e, até mesmo, se arrepender de decisões mal tomadas. De acordo com as escolhas das suas criaturas, Deus pode redirecionar suas ações.

Essa descrição de Deus atende perfeitamente aos anseios do “*Homo Sentimentalis*”. Apresenta Deus como um ser sensível, que se importa, que se comove, que está disposto a atender aos anseios emotivos do ser humano, que se coloca como um igual, que tem pleno respeito pela liberdade do indivíduo, não interferindo em suas escolhas e decisões, embora sofra quando o homem comete erros, que exalta, reconhece e autentica a identidade humana em detrimento da sua própria e que está sempre solícito e disposto a se oferecer em relacionamento genuíno com o homem. Dificilmente se poderia psicologizar a imagem de Deus mais do que a forma como o fez a Teologia Relacional.

3.2 Vida Eclesiástica⁹⁴

Anos atrás, dois homens membros de uma determinada igreja de linha reformada, contando por volta dos trinta anos de idade, procuraram o seu pastor para uma conversa. Eram pessoas relativamente bem-sucedidas financeiramente e intelectualmente esclarecidas. Em dias distintos da semana, aqueles dois membros foram ao encontro do pastor da comunidade que eles frequentavam para, curiosamente, conversar sobre o mesmo assunto: as liturgias e os sermões de domingo. Naquele período, o pastor estava fazendo a exposição do livro de Atos dos Apóstolos e, por algum motivo, as mensagens estavam incomodando aqueles irmãos. O primeiro, esteve no gabinete pastoral no início da semana. Dois dias mais tarde, o outro também foi ao encontro pastor. Nenhum dos dois tinha conhecimento da visita um do outro. À sua maneira, ambos desejavam pedir e propor, embora com palavras e jeitos diferentes de

⁹⁴ Os nomes reais das pessoas dos exemplos apresentados bem como certas características dos eventos ou foram omitidos ou modificados para preservação da identidade e da privacidade dos envolvidos.

colocar a questão, que fossem realizados “cultões” e que o pastor passasse a pregar sermões, segundo palavras de um deles, “que jogassem as pessoas para cima, pois a vida já é difícil demais”.

Os dias que se seguiram, aquele pastor passou em profunda reflexão, tentando compreender o que estava acontecendo e qual o significado de tal acontecimento. Por fim, chegou à conclusão que, para aqueles dois irmãos, as mensagens eram uma afronta ao seu estilo de vida e os desafios que eram apresentados para uma entrega verdadeira a Deus e à sua obra deixavam evidente como sua conduta estava em desacordo com a vontade Deus, e isso estava provocando desconforto para eles, minando o seu bem-estar emocional. Para eles, a igreja existia para afagar o seu ego e promover conforto epistêmico e bem-estar emocional aos que a frequentam, por isso foram reclamar que não estavam recebendo aquilo a que, acreditavam, tinham direito.

A liturgia da igreja não sofreu alteração e as exposições bíblicas seguiram o seu curso esperado. Um daqueles crentes acabou deixando a igreja pouco tempo depois e o outro, embora ainda membro, continua em busca do que possa promover a sua satisfação pessoal e é pouco assíduo aos trabalhos e atividades daquela comunidade cristã.

3.3 Ministério Pastoral

Faz quatro ou cinco anos, certo presbitério encaminhou um jovem para o seminário. Na primeira reunião ordinária do concílio em que o jovem esteve presente para apresentar os seus relatórios, algumas dificuldades acadêmicas foram diagnosticadas, inclusive uma grande quantidade de faltas. A comissão que tratava dessas questões conversou com ele, indicou algumas necessárias mudanças e sugeriu o seu reenvio para o seminário no ano seguinte, com a condição de que o jovem assumisse o compromisso de, a partir de então, adotar um comportamento diferente do que havia apresentado no ano anterior. O jovem voltou ao seminário. Findo o ano letivo, em nova reunião do concílio, o candidato ao sagrado ministério voltou a se apresentar para prestação de contas e entrega de relatórios. Mais uma vez, problemas e dificuldades foram encontrados, tais como algumas reprovações, notas baixas e, o mais grave, muitas faltas injustificadas. Ter dificuldades na área acadêmica não é, necessariamente, uma questão moral. Contudo, aquele jovem estava no limite de faltas exatamente naquelas disciplinas nas quais ele havia sido reprovado e/ou estava com as

notas mais baixas. A comissão conversou com ele e com o seu tutor e, depois de longa discussão, propôs que ele não fosse reenviado para dar continuidade aos seus estudos no ano seguinte. Quando o documento foi lido em plenário, houve muitos debates, mas tudo indicava que o concílio acataria a proposta da comissão. Porém, um dos pastores presentes, pedindo a palavra, fez um discurso bastante emotivista, defendendo que a família do candidato ficaria muito triste, que a sua igreja ficaria decepcionada e que, numa situação mais drástica, aquele jovem poderia chegar a atentar contra a própria vida caso o seu sonho de ser pastor fosse interrompido pelo concílio. Houve muita comoção e, por fim, decidiu-se pelo seu reenvio.

Veja que a decisão do presbitério não foi pautada em questões morais e bíblicas, tais como: seriedade, dedicação, fidelidade, lealdade, respeito, renúncia, excelência entre outras, mas em pautas puramente afetivas, ou seja, os sentimentos do próprio seminarista e das pessoas a ele ligadas. E ninguém se deu conta do que estava ocorrendo naquela reunião. Os tentáculos da Revolução Afetiva estavam envolvendo líderes e, quiçá, futuros pastores da igreja, a tal ponto de determinar decisões e deliberações do concílio e direcionar o posicionamento de maduros e experientes ministros do evangelho.

Na reunião seguinte, terminado o terceiro ano de estudos, o seminarista se apresentou ao concílio e com problemas na área acadêmica ainda mais graves, especialmente com relação às faltas, mesmo tendo dedicação exclusiva aos estudos, pois o presbitério custeava todas as suas despesas. Dessa vez, sua candidatura foi caçada.

3.4 Casamento e Família

Anos atrás, conheci um jovem casal muito simpático e bastante ativo na igreja da qual eram membros. A família da esposa era tradicional na comunidade, enquanto o esposo era de uma outra cidade. Eles tinham um filho. Os dois tinham a mesma profissão e trabalhavam juntos, sendo muito bem-sucedidos em sua carreira. Eventualmente, aquele casal assumiu a liderança do ministério de casais da igreja, não sem antes ter passado por um longo treinamento. Eram muito eficientes e recebiam elogios de todos. Estavam bem. Qualquer um que olhasse para aquele casal percebia nele um bom exemplo a ser seguido. Anos se passaram e, certo dia, ao acordar pela manhã, o marido se voltou para a esposa e disse: “Marina, quero apenas uma coisa de você”. Como tudo estava bem e nenhum problema havia ocorrido até à noite anterior, a

esposa com doçura perguntou: “O que você deseja, querido?”. E ele, sem nem pestanejar, respondeu: “O divórcio!”. Num primeiro momento, a esposa pensou ser brincadeira, mas como ele estava sério e esperava dela um posicionamento a respeito, ela fez vários questionamentos sobre o que estava acontecendo e argumentou de todas as formas, tentando salvar o seu casamento. Como não conseguia convencer o marido, ela por fim apontou para o quarto ao lado e perguntou o que seria do filho deles, ao que o esposo retrucou: “Eu preciso me preocupar com a minha felicidade”. O casamento chegou ao fim.

O que importava para aquele homem não eram os valores clássicos de família e, muito menos, os ensinamentos bíblicos que, inclusive, ele mesmo havia ensinado para outros tantos casais. Ele estava em busca de aventuras, autossatisfação e bem-estar afetivo, e se o casamento não lhe oferecia o que desejava, não era ele quem deveria se adequar. Seus sentimentos precisavam ser reconhecidos e eram motivos suficientes para o divórcio. Embora seja triste reconhecer, esse exemplo tem se repetido muito mais do que gostaríamos de admitir. Como pastor, tenho lidado com questões semelhantes e com frequência cada vez maior, infelizmente. Outros pastores que conheço têm feito a mesma constatação, o que é lamentável.

Esses exemplos acima são dados com o intuito de demonstrar como a Revolução Afetiva tem transformado de maneira tão profunda a religião cristã. Com isso, não estamos defendendo que o campo dos afetos deve ser atacado numa tentativa de erradicá-lo. Seria reacionária tal empreitada. Os afetos fazem parte da realidade da vida humana e têm o seu valor. Os líderes eclesiásticos e os pastores têm o dever ser sensíveis com os que estão em condições de dificuldade e se esforçar para amenizar a sua dor. Também é claro que precisa existir amor na relação conjugal, da mesma forma que se espera que os cultos e sermões também ajudem as pessoas a vencer sofrimentos e angústias. O Deus que servimos tem emoções, sim. A Bíblia está repleta de textos que apontam nessa direção. Aliás, temos sentimentos somente porque Deus os teve primeiro (1 Jo 4.19), afinal somos sua imagem e semelhança. Mas não é isso que está em jogo aqui. O problema com a Revolução dos Afetos está na sua predominância sobre todas as outras esferas de poder. O que precisa ser combatido não é o campo afetivo em si, mas o seu avanço sobre os demais aspectos da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vejo uma multidão imensa de homens semelhantes e iguais, que giram incessantemente em torno de si mesmos, em busca de prazerezinhas vulgares para encher a alma. Vivendo separadamente, cada um é como um estrangeiro em relação ao destino dos outros... Existe apenas em si e para si mesmo, sozinho.⁹⁵

É com essa frase de Alexis de Tocqueville que Mark Lilla dá início ao primeiro capítulo do seu livro “O Progressista de Ontem e o do Amanhã”. As palavras de Tocqueville são precisas para definir o ambiente formado pela emergência da Revolução dos Afetos. Multidões de iguais, vivendo em torno de si mesmos, na tentativa desesperada de preencher suas pobres almas vazias com os pequenos prazeres da vida. Cada um dos indivíduos que compõem essas multidões tem apenas um objetivo: a todo custo encontrar e desfrutar de maneira infinda o próprio bem-estar emocional, nada mais.

Os argumentos apresentados até aqui e que pretendem ser uma descrição das transformações sociais pelas quais o Ocidente vem passando, especialmente no século XX, são fruto de uma percepção compartilhada por muitos pensadores, como se tentou indicar. A consequência de tais transformações foi a subjugação de todas as esferas de poder da sociedade ocidental ao campo dos afetos. Nesse novo ambiente sociocultural reina soberano o “Homem Terapêutico”, tendo como instrumento de coerção e domínio as suas emoções, pelas quais ele mesmo foi subjugado.

O Criador fez do homem um formador de cultura, e aquele deveria dominar sobre esta sempre orientado pela vontade de Deus expressa em sua Palavra. Por causa da Queda, a bússola moral do ser humano foi profundamente danificada e por esse motivo ele se perdeu em meio à criação do Deus Criador. O homem se tornou escravo das suas próprias paixões.⁹⁶ Não que o aspecto emotivo da realidade seja mal em si, absolutamente. Porém, está mal direcionado. Tratando deste tema, Albert M. Wolters

⁹⁵ TOCQUEVILLE, Alexis de. Apud LILLA, op. cit., p.21.

⁹⁶ O indivíduo “da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir o chamado de um outro. Ao contrário, ele ouve a si mesmo. Deve ser um empreendedor de si mesmo. Assim, ele se desvincula da negatividade das ordens dos outros. Mas essa liberdade do outro não só lhe proporciona emancipação e libertação. A dialética misteriosa da liberdade transforma essa liberdade em novas coações. A falta de relação com o outro provoca acima de tudo uma crise de gratificação. A gratificação como reconhecimento pressupõe a instância do outro ou do terceiro”, em HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p.83.

ensina que a cosmovisão bíblica, assentada no tripé criação-queda-redenção, fornece o fundamento para lidar com a questão do desvio direcional da humanidade. Wolters defende que esse tripé pode ser compreendido, em suas implicações práticas, como “estrutura” e “direção”, sendo a estrutura a “‘essência’ de algo criado” e a direção se referindo “ao desvio pecaminoso dessa ordenança estrutural e [a sua restauração ao ideal original do Criador a] conformidade renovada a ela em Cristo”.⁹⁷

A tarefa de restaurar toda a criação à sua direção espiritual correta, isto é, voltá-la para o Criador, precisa ser considerada como uma prioridade para o servo de Deus. Já que “tudo o que existe é suscetível à distorção pecaminosa e precisa de renovação religiosa”⁹⁸ e que “o totalitarismo de qualquer forma é a perversão direcional das estruturas criacionais da sociedade”,⁹⁹ o cristão precisa se lançar à missão de restaurar o que um dia foi deturpado. Segundo Wolters, “a batalha direcional não acontece num plano espiritual acima da realidade humana, mas ocorre *na e para a* realidade concreta da criação terrena” (destaque do autor).¹⁰⁰ Portanto, temos uma boa notícia: a correção da rota é possível, pois

Jesus é um mestre que não apenas instrui nosso intelecto, ele forma nossos próprios amores. Ele não se contenta em apenas depositar novas ideias em nossa mente; ele busca nada menos que nossos desejos, amores e anseios. Seu “ensino” não toca apenas no espaço calmo, tranquilo e sereno da reflexão e da contemplação; ele é um mestre que invade as regiões mais aquecidas e apaixonadas do coração.¹⁰¹

O ser humano é um ser pensante, assim como é um ser senciente, e precisa ser tocado em ambas as áreas da vida. Se o indivíduo contemporâneo pretende continuar a autenticar a sua identidade pelas emoções, elas precisam ser redimidas pelo Cristo vivo. Os afetos serão reorientados apenas a partir da ação do Espírito Santo, aplicando ao coração a Palavra eterna de Deus. “Se o coração é como uma bússola, um dispositivo erótico de orientação, então precisamos calibrar (regularmente) o nosso coração, ajustando-o para que esteja apontado para o Criador, nosso norte magnético”.¹⁰²

⁹⁷ WOLTERS, Albert M. *A Criação Restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p.98.

⁹⁸ *Ibid.*, p.103.

⁹⁹ *Ibid.*, p.110.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p.98.

¹⁰¹ SMITH, James K. A. *Você é Aquilo que Ama: o poder espiritual do hábito*. São Paulo: Vida Nova, 2017. p.20.

¹⁰² *Ibid.*, p.43.

A cultura na qual estamos inseridos tem as suas liturgias¹⁰³ peculiares e o indivíduo que está habituado a elas termina por anelar aquilo que elas prometem. As liturgias da cultura ocidental dos nossos dias estão carregadas de uma visão de boa vida e bem-estar emocional, e têm arrebatado os amores e imaginações do homem contemporâneo. Para ser salvo desse contexto de falsas liberdades, de promessas não cumpridas e de expectativas frustradas, o ser humano precisa incorporar e compartilhar liturgias saturadas com o evangelho e que tenham como referência Deus e o seu Reino. A salvação está em retirar os olhos de si e voltá-los para o Eterno Criador.¹⁰⁴

Assim, “a defesa certa contra sentimentalismos falaciosos é incutir sentimentos corretos” em seu lugar.¹⁰⁵ É necessário fortalecer mente e coração, intelecto e emoções. É preciso resgatar e reintegrar as virtudes e os valores morais cristãos e implementá-los nos contextos da vida comum e cotidiana, de maneira que as afeições sejam reordenadas de acordo com os padrões do Reino de Deus. As emoções precisam ser treinadas “para sentir prazer, gosto, desgosto e raiva daquelas coisas que sejam realmente prazerosas, agradáveis, desagradáveis e odiosas”,¹⁰⁶ caso contrário a guerra estará perdida, pois contra afetos não treinados, o intelecto nada pode. Segundo Guilherme de Carvalho, “só tem um jeito de vencer uma batalha afetiva: tem de ser por meios afetivos”.¹⁰⁷

O Homem Psicológico, em lugar de uma auto-conquista, acabou por se perder de Deus e, por consequência, de si mesmo. Nas palavras de C. S. Lewis, “A conquista final do Homem revelou-se a abolição do Homem”.¹⁰⁸ Ou como declarou Terry Southern, “... o moderno homem ocidental está se desfazendo... o homem moderno está orientado somente por diretrizes e normas psicológicas”.¹⁰⁹ Dessa forma, a solução para o *Homo Sentimentalis* passará necessariamente pela restauração do entendimento de quem ele é *em e para com Deus* e de *como* viver perante o Criador – *Coram Deo*.

As palavras de Schaeffer servem perfeitamente como desfecho deste trabalho:

O homem, tendo colocado a si mesmo em vez de Deus no centro do universo, tende a olhar sempre para dentro em vez de para fora. Ele se fez o último ponto de integração do universo. Essa é a essência de sua rebelião contra Deus. Ora, com Deus isso não constitui problema, porque quando

¹⁰³ O termo “liturgia” é aqui utilizado para se referir a práticas que são orientadas para um *telos*.

¹⁰⁴ Nancy Pearcey (PEARCEY, op. cit., p.167) chama os servos de Deus que se comprometem com essa tarefa de “missionário de cosmovisão”, ou seja, são aqueles que entendem que estão envolvidos numa luta que tem como objetivo levar “cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2 Co 10.5).

¹⁰⁵ LEWIS, C. S. *A Abolição do Homem*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p.20.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p.22.

¹⁰⁷ CARVALHO, Guilherme. *Fé e Sexo II: A Revolução Afetiva*, op. cit.

¹⁰⁸ LEWIS, op. cit., p.64.

¹⁰⁹ Apud SCHAEFFER (2007), op. cit., p.54.

Deus se volta para si mesmo, ele é Trindade, e os membros da Trindade já estavam tendo amor e comunicação entre si antes da criação do mundo. Portanto, quando Deus se volta a si mesmo como centro do universo, ainda há comunicação e amor. Mas quando eu me volto para dentro, não há ninguém com quem eu possa me comunicar. E assim cada homem em si é exatamente como o Minotauro – cabeça de touro – fechado em sua solidão pessoal, no seu labirinto em Creta. Eis a tragédia do homem. Ele não é adequado, e ninguém está lá para atendê-lo.¹¹⁰

¹¹⁰ SCHAEFFER, Francis A. *Verdadeira Espiritualidade: uma vida cheia de beleza, que edifica e inspira*. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. pp.203,204.

BIBLIOGRAFIA

- A Declaração de Independência dos Estados Unidos da América*. Disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/reccida/declaraindepeEUAHISJNeto.pdf>>. Acesso em 23/09/2022.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Jandira, SP: Principis, 2021.
- BAVINCK, Herman. *Teologia Sistemática*. Santa Bárbara d'Oeste, SP: SOCEP, 2001.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1990.
- BLAISE, Pascal. *Diversão e Tédio*. 1ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BOTTON, Alain de. *Desejo de Status*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
- CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. São Paulo: Ubu, 2022.
- CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- CARVALHO, Guilherme de. *A Revolução Afetiva e a Resposta Cristã*. Material não publicado, usado com permissão do autor.
- _____. *Fé e Sexo II – A Revolução Afetiva*. Disponível em: <<https://thepilgrim.com.br/catalogue/product/264>>. Acesso em: 25/09/2022.
- _____. *Sobre a “Ciência Cristã das Afeições”*. Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/guilhermedecarvalho/2015/07/20/sobre-a-ciencia-crista-das-afeicoes/#more-1061>>. Acesso em: 20/09/2022.
- COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *E Agora Como Viveremos?* Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – Anais do 33º Congresso SOTER: Religião, Laicidade e democracia*. Belo Horizonte: 2021.
- DALRYMPLE, Theodore. *Podres de Mimados: as consequências do sentimentalismo tóxico*. 1ª Ed. São Paulo: É Realizações, 2015.
- DOOYEWEERD, Herman. *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. 1ª Ed. Brasília, DF: Monergismo, 2018.
- _____. *Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- EDWARDS, Jonathan. *Afeições Religiosas*. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2018.

- EPICURO. *Carta a Meneceu Sobre a Felicidade e Outras Cartas*. Jandira, SP: Principis, 2021.
- FITZPATRICK, Elyse M. *Ídolos do Coração: aprendendo a desejar somente Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- FRANKL, Viktor E. *A Presença Ignorada de Deus*. 23ª Ed. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- FURTADO, Júlio. *A Pedagogia do Erro*. Disponível em: <<https://www.construirnoticias.com.br/a-pedagogia-do-erro/>>. Acesso em: 22/11/2022.
- GATTO, John Taylor. *Emburrecimento Programado: o currículo oculto da escolarização obrigatória*. 1ª Ed. Campinas, SP: Kírion, 2019.
- GONZÁLEZ, Justo L. *E Até os Confins da Terra: uma história ilustrada do cristianismo – a Era das Trevas*. Vol. 3. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- _____. *E Até os Confins da Terra: uma história ilustrada do cristianismo – a era dos sonhos frustrados*. Vol. 5. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- _____. *E Até os Confins da Terra: uma história ilustrada do cristianismo – a era dos dogmas e das dúvidas*. Vol. 8. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- _____. *E Até os Confins da Terra: uma história ilustrada do cristianismo – a era inconclusa*. Vol. 10. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- GRAZIANO, Lilian Domingues. *A Felicidade Revisitada: um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da psicologia positiva*. Tese de doutorado. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-23052006-164724/publico/doutoradoIntegral.pdf>>. Acesso em 28/04/2022.
- HAI DT, Jonathan. *A Hipótese da Felicidade*. 1ª Ed. São Paulo: LVM, 2021.
- _____. *A Mente Moralista: por que pessoas boas são segregadas por política e religião*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HANEGRAAFF, Hank. *Cristianismo em Crise: um câncer está devorando a Igreja de Cristo. Ele tem de ser expulso!* 1ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p.131.
- HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HORWITZ, Allan V. *A tristeza Perdida: como a psiquiatria transformou a depressão em moda*. São Paulo: Summus, 2010.
- ILLOUZ, Eva. *O Amor nos Tempos do Capitalismo*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

- JOHNSON, Phillip E. *Ciência, Intolerância e Fé – A Cunha da Verdade: rompendo com os fundamentos do naturalismo*. 2ª Ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2007.
- KELLER, Timothy. *Deus na Era Secular: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo*. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- _____. *Ego Transformado: a humildade que brota do evangelho e traz a verdadeira alegria*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago Dei, 1983.
- LATOUR, Bruno. *An Inquiry into Modes of Existence: an anthropology of the moderns*. Cambridge, MA; London, England: Harvard University Press, 2013.
- LEWIS, C. S. *A Abolição do Homem*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- _____. *Surpreendido pela Alegria*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.
- LILLA, Mark. *O Progressista de Ontem e do Amanhã: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. 1ª Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- _____. *Teologia Relacional: um novo deus no mercado*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/presciencia/augustus_teologia_relacional.htm> . Acesso em: 21/10/2022.
- MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude: um estudo sobre teoria moral*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.
- MADUREIRA, Jonas. *Inteligência Humilhada*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- MOREIRA, Thiago. *Abraham Kuyper e o Engajamento Cristão nas Esferas Socioculturais e Políticas*. Tese de Doutorado. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/12344>>. Acesso em 28/04/2022.
- NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em Sociedade Pluralista*. Viçosa, MG: Ultimato, 2016.
- PADGETT, Marvin. *Você está Aberto para o Teísmo Aberto? (Are you Open to Open Theism?)*. Disponível em: <>. Acesso em 21/10/2022.

- PEARCEY, Nancy Randolph. *Verdade Absoluta: libertando o Cristianismo de seu cativeiro cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- PIPER, John. *Completando as Aflições de Cristo: o custo de levar o evangelho para as nações na vida de William Tyndale, Adoniram Judson e John Paton*. São Paulo: Shedd, 2010.
- _____. *Em Busca de Deus: a plenitude da alegria*. 2ª Ed. São Paulo: Shedd, 2008.
- _____. *O Legado da Alegria Soberana: a graça triunfante de Deus na vida de Agostinho, Lutero e Calvino*. São Paulo: Shedd, 2005.
- _____. *O Sorriso Escondido de Deus: o fruto da aflição na vida de John Bunyan e William Cowper*. 1ª Ed. São Paulo: Shedd, 2002.
- PLANTINGA, Cornelius. *O Crente no Mundo de Deus: uma visão cristã da fé, da educação e da vida*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- PORTELA NETO, Francisco Solano. *O que estão ensinado aos nossos filhos? : uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã*. 1ª Ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2012.
- RAMACHANDRA, Vinoth. *A Falência dos Deuses: a idolatria moderna e a missão cristã*. 1ª Ed. São Paulo: ABU, 2000.
- RIBEIRO, Bruno. *Revolução Afetiva – Congresso de Cosmovisão*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=711aPB3YrTk>. Acesso em 03/09/2022.
- RIEFF, Philip. *O Triunfo da Terapêutica*. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *O Eu Soberano: ensaio sobre derivas identitárias*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou, Da Educação*. 1ª Ed. São Paulo: Edipro, 2017.
- SANTO AGOSTINHO, Bispo de Hipona. *Sobre a Vida Feliz*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SCHAEFFER, Francis A. *Morte na Cidade: a mensagem à cultura e à igreja que deram as costas a Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- _____. *Morte da Razão*. 2ª Ed. São Paulo: ABU, 2007.
- _____. *Como Viveremos? Uma cuidadosa análise das principais características de nossa época em busca de soluções para os problemas que enfrentamos*. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

- _____. *O Deus que Intervém: o abandono da verdade e as trágicas consequências para a nossa cultura – a única esperança na verdade histórica do cristianismo*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- _____. *O Deus que se Revela: contra o silêncio e desespero do homem moderno, podemos de fato conhecer o Deus que intervém*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- _____. *Verdadeira Espiritualidade: uma vida cheia de beleza, que edifica e inspira*. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- _____. *A Igreja no Século 21*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- SÊNECA. *A Vida Feliz*. Jandira, SP: Principis, 2021.
- SIRE, James W. *Dando Nome ao Elefante: cosmovisão como conceito*. 1ª Ed. Brasília, DF: Monergismo, 2012.
- SIRE, James W. *O Universo ao Lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*. Brasília, DF: Monergismo, 2017.
- SMITH, James K. A. *Você é Aquilo que Ama: o poder espiritual do hábito*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- STOTT, John. *Os Cristãos e os Desafios Contemporâneos*. Viçosa, MG: Ultimato, 2014.
- TAYLOR, Charles. *A Ética da Autenticidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- _____. *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna*. 4ª Ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Campinas, SP: Unicamp, 2010.
- TURNER, Steve. *Engolidos pela Cultura Pop: arte, mídia e consumo: uma abordagem cristã*. 1ª Ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2014.
- VAN TIL, Henry R. *O Conceito Calvinista de Cultura: a única teologia da cultura que é, de fato, relevante para o mundo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- WALSH, Brian; MIDDLETON, J. Richard. *A Visão Transformadora: moldando uma cosmovisão cristã*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- WILSON, Nancy. *Contentamento: um estudo para mulheres de todas as idades*. 1ª Ed. São Paulo: Trinitas, 2018.
- WOLTERS, Albert M. *A Criação Restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.